

BOLETIM TEOLÓGICO 16

FRATERNIDADE TEOLÓGICA
LATINO-AMERICANA - SEÇÃO
BRASIL

Neste Número

- * A relação homem-mulher na Bíblia
- * Redenção: Onde?
- * Quem é o ser humano?
- * Cantares: Celebração, poesia e devoção
- * Entendendo melhor os escritos aos Coríntios
- * Os sete "como" chaves de Efésios 5
- * A mulher na construção do mundo



BTEOL. 5(16) SET/1991

BOLETIM TEOLÓGICO

Assinatura:

Brasil Consulte!

América Latina US\$ 10.00

Demais países US\$ 15.00

Obs.: Estudantes têm 20% de desconto.

Pedidos e informações:

Fraternidade Teológica Latino-Americana

Rua 1º de Setembro, 166/402 - Partenon

Fone (0512) 36.2566

91 500 Porto Alegre RS - Brasil

BOLETIM TEOLÓGICO

Órgão trimestral editado pela
Fraternidade Teológica Latino-Americana
Seção Brasil

Ano 5 (setembro de 1991) nº 16

Diretor: Valdir R. Steuernagel Editor: Emil A. Sobottka

Conselho Editorial:
Carlos T. Siepierski
Jair Álvares Pintor
Ricardo Barbosa de Sousa
Rubem Martins Amorese

ÍNDICE

Apresentação: E Deus os criou como companheiros...	
Emil A. Sobottka	3
A relação homem-mulher na Bíblia - René Padilla	5
Redenção: Onde? - Ilze Zirbel	23
Quem é o ser humano? - Carmen Perez de Camargo	35
Cantares: Celebração, poesia e devoção	
Caio Fábio D'Araújo Filho	43
Entendendo melhor os escritos aos Coríntios - Yokimi Yuaça	53
Os sete "como" chaves de Efésios 5 - Rubem Martins Amorese	61
A mulher na construção do mundo - Jair A. Pintor	65

Boletim Teológico é uma publicação da Fraternidade Teológica Latino-Americana, Seção Brasil (FTL-B). É um boletim de reflexão e análise teológicas, sem fins lucrativos. Seu objetivo é a divulgação do Evangelho. Os artigos publicados são de responsabilidade dos respectivos autores e não necessariamente refletem a opinião dos editores. A reimpressão total ou parcial dos artigos inéditos aqui publicados está autorizada, desde que mencionada a fonte. Pede-se a gentileza de enviar dois exemplares à Redação.

E DEUS OS CRIOU COMO COMPANHEIROS...

Nosso século tem sido palco de muitas reivindicações e lutas que pretendem superar legados históricos equívocos e injustos. Uma das que o perpassou diz às mulheres. Foram movimentos com os mais diversos matizes: direito ao voto, a assumir trabalho remunerado, à igualdade de condições nos diversos aspectos da vida...

Vendo-o retrospectivamente, pode-se admitir que o empenho não foi inglório. Produziu-se uma sensibilidade coletiva, relativamente difundida, que torna impensáveis atualmente restrições que há noventa anos eram generalizadas. Quem defenderia hoje o direito ao voto ou ao trabalho remunerado apenas para os homens? Mas se boa parte das distorções historicamente sofridas pelas mulheres foi superada, há ainda muito caminho por andar.

Não obstante, parece que justamente aí se está diante de um impasse. O movimento das mulheres estruturou-se fundamentalmente como reivindicatório; a luta era por **direitos**, pelo **lugar** da mulher que presumidamente lhe assistia mas fora interditado. Mas estas lutas reivindicatórias têm uma ingrata característica: elas se estruturam sobre uma polarização e não há a menor segurança que, uma vez conquistada a reivindicação, esta polarização cesse. Ao contrário, ela poderá permanecer e até mesmo seguir ameaçando as "conquistas". No caso em pauta, esta polarização mantém acirrados muitos ânimos e dificulta a superação de uma série de injustiças ainda remanescentes.

Isto é particularmente válido para alguns aspectos da vida eclesial. Que postura as igrejas devem adotar, em fidelidade ao seu Senhor, frente aos desafios que os movimentos das mulheres colocaram à sociedade? A mulher pode ou não assumir o ministério? Mais do que na sociedade em geral, aqui os ânimos estão por vezes exaltados e as posições polarizadas. Há, por vezes, dificuldade inclusive para ouvir e dialogar fraternalmente. Não será isto também consequência de uma estruturação excessivamente reivindicatória, calcada luta por direitos, por espaços, perdendo de vista dimensões muito mais evangélicas, muito mais bíblicas?

Na presente edição do **Boletim Teológico** - que é preparatória para a consulta **A relação masculino-feminino: Em busca de saúde e obediência**, promovida pela FTL-B agora em setembro - os autores dos diversos artigos não tratam simplesmente de ajudar as mulheres na conquista de um espaço de igualdade que lhes seria devido. Eles tentam colocar a discussão num novo patamar.

O que está em questão não é uma igualdade ou um conjunto de direitos, mas

a **relação** entre os seres humanos. A pergunta não é se, segundo a Bíblia, a mulher tem direito a isto ou àquilo; a questão é **como manter a imagem e semelhança** de Deus no cotidiano de nossa vida. A imagem de Deus nos seres humanos está no tipo de relação que eles travam com seus semelhantes e, por extensão, com Deus. Segundo o propósito de Deus expresso na criação (Gn 1 e 2) e reafirmado inequivocamente por Jesus (Mc 12.28-34; Mt 25.31-46), esta relação é o **companheirismo**.

Na realização diária e constante da imagem e semelhança de Deus em nós através de um padrão de relações de companheirismo solidário não só poderemos superar os estreitos limites em que fora colocado o tema pelos movimentos feministas e similares, mas estaremos dando o nosso *testemunho, antecipando sinais do novo céu e da nova terra* onde a justiça solidária habitará. Os artigos seguintes querem apontar *nesta direção*. Eles se concentram basicamente em textos e perguntas bíblicas porque uma futura edição enfocará outros aspectos.

Que Deus nos permita ser mais fielmente à sua imagem e semelhança, mais companheiros!

O editor

A RELAÇÃO HOMEM-MULHER NA BÍBLIA*

*René Padilla***

INTRODUÇÃO

É possível que nenhum tema que atualmente pode ser colocado à teologia exija tanto da hermenêutica bíblica como este que temos à mão. A razão é óbvia: não há como evitar que sua análise seja afetada por um duplo condicionamento. Por um lado, o da longa história de interpretação bíblica marcada pelo machismo; por outro lado, o da luta pelos direitos da mulher, promovida pelo feminismo dentro e fora da igreja.

A sexualidade, em suas variantes masculina e feminina, forma parte da própria essência do ser humano e inevitavelmente influi em todas as relações interpessoais. Deus não criou seres assexuais ou andróginos: criou o homem e a mulher. E desenhou tanto um como outro de tal maneira que em sua relação mútua descobrissem o sentido de sua própria sexualidade: o varão, o de sua masculinidade; a mulher, o de sua feminilidade.

No entanto, são abundantes as provas para demonstrar que, desde tempos imemoráveis, a polaridade sexual, longe de ser um fator unitário na sociedade, com demasiada frequência tem sido um fator de divisão entre homens e mulheres. Para sermos mais precisos, ao longo da história a relação homem-mulher tem estado constantemente marcada pelo machismo e pela misoginia. E, infelizmente, isto tem-se refletido na interpretação bíblica até o ponto de hoje ser difícil crer que a Bíblia proveja uma base firme para a reivindicação dos direitos da mulher na sociedade ou para o ministério da mulher na igreja. Basta citar, à guisa de exemplo, as palavras de Tertuliano dirigidas à mulher:

És o portal do diabo, que desselou aquela árvore (proibida); foste a primeira em desertar da lei divina; és aquela que persuadiu àquele a quem o diabo não

* Texto preparatório para a consulta *La mujer en la educación teológica y la iglesia*, da Asociación de Seminários e Instituciones Teológicas (ASIT), publicado em *Encuentro y diálogo*, Buenos Aires, (8):7-21, 1990. A reprodução é autorizada pela revista.

** C. RENÉ PADILHA, doutorado em estudos bíblicos pela Universidade de Manchester, Inglaterra, é Secretário Geral da FTL e membro da Comunidade Kairós. Edita a *Revista Misión* e o *Boletín Teológico*. Endereço atual: José Marmol 1734 - (1602) Florida - Buenos Aires, Argentina.

se atreveu a atacar. Com quanta facilidade destruíste a imagem de Deus, o homem. Por causa do castigo que merecias -a morte-, até o Filho de Deus teve que morrer.¹

Frente à discriminação de que a mulher tem sido objeto, muitas vezes supostamente apoiada pelo ensino bíblico, não surpreende que a ala radical do movimento feminista descarte a Bíblia por considerá-la "machista", fonte e origem do sexismo que aflige a igreja e a sociedade. Se a Bíblia apresenta um Deus masculino que dispôs que o homem exerça domínio sobre a mulher, o que se pode oferecer à mulher que busca libertar-se das imposições de uma sociedade machista e realizar-se como pessoa? Não se pode considerar o tema da relação homem-mulher sem tomar em consideração este desafio que o feminismo contemporâneo coloca.

Em suma, estamos frente a um problema hermenêutico fundamental: somos convocados a interpretar o ensino bíblico sem permitir que as leituras machistas tradicionais nem os pressupostos feministas atuais a respeito da Bíblia impeçam que escutemos a palavra de Deus. Com este propósito consideraremos a relação homem-mulher à luz da Bíblia, primeiro no contexto da criação, depois no contexto do pecado e, finalmente, no contexto da redenção.

I- HOMEM E MULHER NA CRIAÇÃO

1.1- A imagem de Deus

Toda a narração da criação no capítulo um de Gênesis está caracterizada por uma admirável sobriedade. Sem rebusques nem enfeites, ela enumera os atos da criação por meio dos quais, passo a passo, Deus prepara o cenário para a vida humana. Tudo o que Deus faz é "bom", porque se adapta perfeitamente ao propósito divino. E tudo aponta para um clímax que dá sentido a cada ato que o precede: a criação do Homem ('adam = humanidade)² no sexto dia.

Também os animais (com exceção dos peixes e das aves) correspondem ao sexto dia, e isto coloca em relevo a solidariedade do Homem com o reino animal. A criação do Homem nem por isto deixa de ser um ato especial de Deus, o que se percebe

1. Citado por John STOTT, *Issues facing Christians today* (Marshall, Morgan and Scott, Basingstoke, Hants, 1984), p. 235. Tradução castelhana: *La fe cristiana frente a los desafios contemporáneos* (Buenos Aires e Grand Rapids, Nueva Creación, 1990).

2. O termo 'adam, que aparece vinte e seis vezes nos três primeiros capítulos de Gênesis, tem um sentido ambíguo: refere-se à humanidade no sentido genérico (e este é o uso mais comum no Antigo Testamento) ou é usado como nome próprio do primeiro homem. A tradução clássica em espanhol, Reina-Valera, traduz em oito dos vinte e seis casos o termo como nome próprio, e em dezoito casos ela lhe dá um sentido genérico. A tradução de Almeida, revista e atualizada, traduz apenas duas vezes o termo como um nome próprio. No presente trabalho uso Homem (com maiúscula) para referir-me ao ser humano em sentido genérico.

no contraste entre a forma verbal no versículo 24 ("Produza a terra seres viventes") e a que aparece no versículo 26 ("Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança"). Deus dialoga consigo mesmo e projeta criar o homem como a imagem de si próprio. Isto coloca a humanidade numa categoria distinta entre todos os seres criados: dá-lhe seu caráter distintivamente humano. O homem é por definição **Imago Dei**.

Na história da interpretação bíblica discutiu-se muito sobre o significado da expressão "à nossa imagem, conforme a nossa semelhança". A exegese tradicional, especialmente em círculos católico-romanos, pretendeu no passado construir toda uma antropologia baseada na distinção entre "imagem" (**tselem**) e "semelhança" (**demuth**). Segundo ela, o Homem foi criado, por um lado, com uma conformidade inata com Deus, a qual era um dom natural, e por outro, com uma capacidade de desenvolver-se e chegar a ser como Deus, capacidade esta que seria um dom sobrenatural.³ No entanto, o uso que se faz dos termos em Gênesis⁴ não apóia esta interpretação. Hoje admite-se amplamente que as duas palavras apontam para uma mesma realidade, que a Bíblia na Linguagem de Hoje expressa simplesmente: "Agora vamos fazer os seres humanos, que serão como nós, que se parecerão conosco."⁵ O texto sugere que dentre todos os seres criados por Deus, somente este -o Homem- é parecido com Deus, mas não diz explicitamente em que consiste esta semelhança com Deus. Isto é algo a ser deduzido do contexto literário e histórico do texto.

Karl Barth⁶ sustenta que é possível chegar à definição do conteúdo da imagem pela via da exegese. Para ele, a semelhança está dada na polaridade sexual que implica tanto na relação como na diferença entre o homem e a mulher. O ser humano, então, seria parecido a Deus porque, graças a sua polaridade sexual, nele se reproduz a relação entre o "eu" e o "tu" que está presente no trino Deus (como claramente sugere o plural "façamos" em 1.26). A imagem, portanto, seria uma **analogia relationis** (uma analogia de relação), não uma **analogia entis** (uma analogia do ser). G. C. Berkouwer⁷ objetou a ambigüidade em que Barth cai ao usar o casal humano como o modelo da

3. Para uma breve revisão da história da interpretação da imagem de Deus a partir dos primeiros séculos de nossa era, ver a obra de M. FLIK e Z. ALSEZEGHY, *Antropología teológica* (Salamanca: Sígueme, 1970), p. 100ss.

4. Em 1.26 usa-se **tselem** e **demuth** juntos, enquanto em 1.27 e 9.6 é usado somente **tselem**, em 5.1 somente **demuth**. Em 5.3 aparecem novamente os dois termos aplicados a Sete, de quem se diz que foi gerado por Adão "à sua semelhança, conforme a sua imagem".

5. A *Bíblia de Jerusalém* assume numa nota a tese de alguns estudiosos, segundo a qual o propósito da palavra "semelhança" é atenuar o sentido de "imagem", a fim de mostrar que a similitude entre o Homem e seu criador não é igualdade. Para uma refutação desta posição, ver Severino CROATTO, *El hombre en el mundo: creación y designio* (Buenos Aires: La Aurora, 1974), p. 172-73 e 185, nº 14. Croatto conclui que "os termos se complementam na medida em que estabelecem uma relação de unidade e 'aproximação' entre dois seres ou objetos" (p. 173).

6. Em *Kirchliche Dogmatik*, III, 1, p. 182-220.

7. *Man: the image of God* (Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1972), p. 73.

relação interpessoal (a relação entre o "eu" e o "tu") e ao mesmo tempo colocar ênfase na diferença sexual entre o homem e a mulher (a polaridade sexual) como o próprio conteúdo da imagem. Ainda que não se possa negar que há uma conexão entre a imagem de Deus e a capacidade que o ser humano tem para relacionar-se com seu próximo, o texto não permite a interpretação segundo a qual a "analogia de relação" esgota o sentido da **Imago Dei**.

A investigação do significado que as imagens tinham antigamente no Oriente Médio produziu resultados positivos para a interpretação de Gênesis 1.26-28. A conclusão é que, segundo a "ideologia real" difundida no mundo antigo, especialmente no Egito, o rei é a imagem de Deus e como tal representa-o ante seus súditos.⁸ A imagem do rei, por outro lado, representa-o na terra conquistada.⁹ Estas idéias não estão distantes do texto bíblico: o homem é a imagem de Deus porque o representa e está investido de sua autoridade.

A figura da imagem alcança uma força ainda maior quando se toma em consideração que a expressão aparece num contexto no qual se destaca a transcendência de Deus.

O Deus ao qual o homem se parece é o Deus que cria o universo e os seres viventes por meio de sua palavra, mas imediatamente faz uma imagem de si próprio e coloca-a no mundo como seu representante; é o Criador que implanta no Homem sua própria criatividade e faz dele seu legítimo representante, confia-lhe a mordomia de sua criação. Para a ideologia oriental somente o rei representa Deus; para a revelação bíblica o Homem (e conseqüentemente todos os homens e todas as mulheres) é a imagem do Criador no mundo.

Assim, pois, o significado essencial da descrição do Homem como a **Imago Dei** é o caráter representativo que o homem tem com relação a Deus. Esta interpretação que se deriva do contexto histórico da passagem bíblica é ratificada pela conexão que o texto estabelece entre a intenção divina com relação à criação do ser humano em 1.26 ("Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; **tenha ele domínio...**") e a própria narração da criação em 1.27-28 ("Criou Deus, pois, o homem à sua imagem... e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; **dominai...**"). Ao Homem como sua imagem -seu representante- Deus dá-lhe a faculdade de reproduzir-se e confia-lhe a mordomia do mundo.¹⁰ A tarefa humana fundamental é o governo da realidade criada, em representação a Deus e sob sua autoridade. Este é o "mandato cultural", em cujo cumprimento o ser humano manifesta que efetivamente é **Imago Dei**. O Homem completo -o Homem como um ser somático e espiritual- assemelha-se a Deus porque a ele foi confiada a mordomia da criação. E nisto radica a base da responsabilidade humana no uso e cuidado dos recursos naturais, e no desenvolvimento científico e tecnológico.

8. Cf. Severino CROATTO, *El hombre en el mundo: creación y designio*, p. 173-75.

9. Cf. D. J. A. CLINES, *The image of God in man* (*Tyndale Bulletin*, 19(1968), p. 80ss.

10. Sobre este tema, ver Paul SCHROTENBOER, *Homo creator: el hombre en el mundo de Dios* (Buenos Aires: Ediciones Certeza, 1972).

Com relação a nosso tema cabe destacar, no entanto, que Gênesis 1.26-28 não deixa lugar a dúvidas acerca da polaridade sexual entre o homem e a mulher, da identidade dos dois membros do binômio como **Imago Dei**, e de sua vocação conjunta no mundo. As três verdades fundamentais para a relação homem-mulher estão comprimidas em poucas palavras:

Em primeiro lugar, o Homem criado por Deus não é assexual nem andrógino, mas o ser humano varão e o ser humano fêmea. A polaridade entre a sexualidade masculina e a sexualidade feminina não é, pois, resultado da queda, mas um elemento constitutivo da criação arquetípica: quando Deus criou o Homem à sua imagem, "**homem e mulher os criou**" (v. 27).

Em segundo lugar, tanto o homem como a mulher são criados à imagem de Deus. De sua semelhança com Deus os dois derivam sua dignidade humana. A **Imago Dei** está na própria essência de seu ser, de maneira que nem mesmo o pecado pode destruí-la (Gn 9.6; Tg 3.9). Quando Deus criou o Homem como varão e fêmea, "**à imagem de Deus os criou**" (v. 27). O mesmo pensamento é novamente confirmado mais adiante, em Gênesis 5.1-2: "No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez; homem e mulher os criou, e os abençoou, e lhes chamou pelo nome de Adão (Homem), no dia em que foram criados."

Se o varão e a fêmea -segundo a Bíblia- assemelham-se a Deus, parece-nos um ato aventureiro afirmar que o Deus da Bíblia seria concebido como um Deus masculino. Conforme Mary Hayter demonstrou em seu excelente estudo exegético intitulado **The new eve in Christ**, o gênero masculino do vocabulário bíblico relativo a Deus não significa que este fosse pensado como uma deidade masculina. Pelo menos no caso do Antigo Testamento -diz Hayter- este vocabulário reflete uma sociedade dominada pelo homem, mas ao mesmo tempo mostra que, num mundo cujo pensamento religioso enfatizava a atividade sexual entre deuses e deusas, Israel se esforçou para separar a pessoa de Deus de toda esta trama de mitos e ritos vinculados à sexualidade. Para esta estudiosa,

(...) a frase chave para entender o conceito hebreu da sexualidade em Deus é sua **transcendência a toda sexualidade**. Segundo o Antigo Testamento, Deus transcende a distinção varão-fêmea. A sexualidade é criação de Deus; portanto, é intrinsecamente boa. Não obstante, ela segue sendo parte da criação e não deve ser confundida com o Criador, que está muito acima daquilo que foi criado."¹¹

Em todo caso, querendo-se insistir em afirmar a presença de sexualidade em Deus, o simples fato de que o Homem tenha sido criado como homem e mulher sugere que seria mais bíblico dizer que em Deus se integram a masculinidade e a feminilidade

11. Mary HAYTER, **The new eve in Christ: The use and abuse of the Bible in the debate about women in the church** (Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1987), p. 38.

em perfeita harmonia; que ele incorpora e ao mesmo tempo transcende a polaridade sexual humana criada por ele.

Em terceiro lugar, tanto ao homem como à mulher são dadas as tarefas de reprodução e mordomia da criação. Desde o próprio início da criação o Homem é varão e fêmea, chamados para compartilhar uma comum vocação de representar a Deus no mundo. Ambos foram benditos quando Deus disse: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai..." (v. 28). Não há aqui a menor sugestão de que o varão tenha maior responsabilidade pela mordomia da criação e a fêmea maior responsabilidade pela reprodução. Como imagem de Deus, ambos compartilham uma humanidade e uma vocação comuns no mundo.

Convém ser enfático quanto à importância que o reconhecimento da mulher (e não somente o homem) como a imagem de Deus tem para a relação homem-mulher. Hoje ainda a sociedade em geral está organizada segundo pautas ditadas por um machismo que se constitui numa triste negação da vocação humana da mulher. Há a idéia de que a ela corresponde cumprir o mandato de frutificar e multiplicar-se, porque foi feita para ser mãe e esposa, enquanto o mandato cultural está reservado para o homem. Esta é uma tergiversação do ensinamento bíblico, tergiversação esta da qual se deriva a redução da mulher a um estado de inferioridade com relação ao homem, inclusive na igreja. Na América Latina o problema assume dimensões de tragédia. Não se leva em consideração que, tanto no caso da fêmea como no do varão, acima do sexo está sua humanidade e que sua realização como ser humano depende do cumprimento de sua vocação como imagem de Deus.

A partir de uma perspectiva bíblica não se pode definir o papel da mulher exclusivamente em termos de matrimônio e maternidade física. Ele deve ser definido com base no mandamento de Deus, o mandato para exercer o domínio sobre a criação, sob a soberania de Deus e em íntima colaboração com o homem. Mais importante que a feminilidade da mulher é sua humanidade. Por isso a primeira preocupação da mulher não pode ser a de se casar e ter filhos. Se por vezes o é, isso se deve a que a mulher, através dos séculos, internalizou uma imagem de si própria que lhe foi imposta pelo sexo masculino. A tarefa prioritária da mulher deriva-se diretamente do fato de ter sido criada à imagem e semelhança de Deus. Seu lugar no mundo não depende unicamente de sua sexualidade feminina, mas de sua vocação; não da biologia, mas do mandato de Deus.¹²

No entanto, isto não nega a polaridade sexual homem-mulher. O Homem que Deus criou à sua imagem acontece na história necessariamente como varão ou como fêmea. O sexo masculino e o feminino foram criados por Deus, e a polaridade sexual

12. Uma das conseqüências práticas desta maneira de ver a mulher é que entre as condições indispensáveis para que ela forme um lar feliz se sobressai que, como ser humano, tenha alcançado um grau de maturidade psicológica que lhe permita viver plenamente ainda que nunca se case. Obviamente o mesmo se aplica ao homem. Jacques Leclercq está correto quando afirma que "será um matrimônio feliz aquele que une dois jovens capazes de desenvolverem-se cada um por si próprio" (*La mujer hoy y mañana*, Salamanca: Sígueme, 1968, p. 115).

e a dependência mútua dos sexos formam parte da própria estrutura da história humana. Nem o varão nem a mulher pode cumprir a vocação do Homem sem a contribuição do outro. Portanto, equívoca-se quem pensa que para lutar pela reivindicação dos direitos da mulher é necessário rejeitar a maternidade ou negar as diferenças que existem entre ela e o homem. O esforço para eliminar as diferenças somente pode levar a uma situação artificial, com o perigo de que a mulher acabe concebendo sua libertação em termos de uma imagem da "mulher liberta" imposta pelo homem (outra vez!).¹³ O caminho da libertação da mulher não está na negação dos atributos de sua feminilidade, incluindo seu espírito maternal, mas na integração plena da mulher **como mulher** num projeto de vida que expresse sua vocação humana. Deus confiou ao Homem como **Imago Dei** a mordomia do mundo. O homem e a mulher igualmente se realizam como seres humanos na medida em que exercem essa sua vocação em obediência a Deus e em estreita colaboração mútua.

1.2- A mulher, "ajuda idônea" do homem

No capítulo 1 de Gênesis a ênfase está na origem do cosmos à no lugar que o Homem, em sua qualidade de imagem de Deus, ocupa nele. No capítulo 2, no entanto, a ênfase se desloca do cosmos é humanidade. O rico simbolismo da narração comunica com impacto a vinculação do ser humano com a natureza (o homem é feito do pó da terra) e com Deus, de quem ele recebe o alento da vida (v. 7). Desta maneira o capítulo 2 reitera as afirmações básicas referente ao Homem que aparecem no capítulo 1: que ele guarda continuidade com a criação (foi criado no sexto dia) e que mantém uma relação especial com Deus (é sua imagem). Mas se no capítulo 1 o Homem é apresentado como a culminação de toda a obra criadora de Deus, no capítulo 2 ecoa a natureza da relação entre os dois membros do casal humano. Aqui apenas podemos anotar as ênfases principais que surgem da análise do texto.

A primeira coisa que se deve notar é que a criação da mulher neste contexto responde à necessidade que o homem tem de companheirismo (v. 18-25).¹⁴ No final do capítulo 1 é dito que "viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom" (v. 31). No capítulo 2, ao contrário, assegura-se que, depois de fazer o homem e colocá-lo no jardim do Édem, Deus disse: "Não é bom que o homem esteja só" (v. 18). A inferência é clara: o homem não foi criado para a solidão, mas para a comunhão, para a

13. Aqui está o problema de muito daquilo que quer passar por defesa dos direitos da mulher no movimento feminista. Segundo o assinala Enrique E. Fabri, "é toda a infra-estrutura da sociedade de consumo e bem-estar puramente material quem está implicitamente interessada em negar que o desenvolvimento e a plenitude da mulher passam por sua realização maternal, física ou puramente espiritual, mas sempre humana (...) Esta sociedade teme à mulher verdadeira, plenamente realizada por seu espírito maternal e por isso a rebaixa, ironiza e despreza como desprovida de propósito neste mundo da 'nova moral'". (La mujer joven: presente y futuro. *Revista Criterio*, 1569, 10 abr. 1969, p. 209).

14. Segundo Severino Croatto, este é "o único relato independente da criação da mulher em todo o Antigo Oriente" (*Crear y amar en libertad*, Buenos Aires: La Aurora, 1986, p. 94).

comunicação com o outro. Todo individualismo (a ênfase unilateral na realização ou na liberdade individual) fica descartado na própria origem da história. Mas o companheirismo que o homem necessita não pode ser providenciado pelos animais por ele denominados (v. 19) e com os quais ele mantém uma diferença essencial como ser humano que é. Por isso Deus cria a mulher como "ajuda idônea" ('ezer kenegdo) do homem (v. 18,20).

Muitos intérpretes quiseram encontrar na narração da criação da mulher uma base para afirmar que a Bíblia ensina a inferioridade do sexo feminino e a superioridade do masculino. Tomás de Aquino, por exemplo, deixou de lado as perspectivas sobre a relação homem-mulher dadas por Gênesis 1 e deduziu de Gênesis 2 que "a mulher foi feita para ajudar o homem, mas somente na reprodução".¹⁵ A mesma leitura machista do texto aparece em tempos modernos em autores como S. B. Clark, que diz que Gênesis descreve o lugar da mulher no matrimônio como "uma ajudante do homem na tarefa de estabelecer um lar e uma família".¹⁶ Aqui cabem duas observações:

Em primeiro lugar, nada no texto sugere que a mulher seria "ajuda idônea" do homem exclusivamente na reprodução. Se este fosse o caso, Gênesis 2 entraria em contradição com Gênesis 1 onde, conforme já vimos, o homem e a mulher, como **Imago Dei**, recebem de Deus uma comum vocação que inclui a procriação e a mordomia da criação.

Em segundo lugar, da descrição da mulher como "ajuda idônea" do homem não se pode deduzir que o homem seja hierarquicamente superior a ela e a mulher hierarquicamente inferior a ele. O sentido de 'ezer kenegdo não é de "ajudante subordinada", como se a mulher tivesse sido feita para ser uma escrava doméstica colocada a serviço do homem. Das vinte e uma vezes que o termo 'ezer aparece no Antigo Testamento, quinze servem para descrever Deus como "ajuda" de pessoas em situações de necessidade. A conotação do termo se reflete, por exemplo, no Salmo 115, onde diz: "O israelitas, confiem no Deus Eterno! Ele os ajuda e protege. Sacerdotes de Deus, confiem no Eterno! Ele os ajuda e protege. Confiam no Deus Eterno, todos os que o temem! Ele os ajuda e protege." (v. 9-11, LH) Em Gênesis 2.18,20 descreve-se a mulher como "ajuda idônea" ou "ajuda que corresponda" (Croatto) ao homem porque ela está em condições de libertá-lo de sua solidão, e isto por duas razões: (1) Porque, em contraste com os animais, entre os quais "para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea" (v. 20), ela, e somente ela, é **igual a ele**: como o varão, ela é parecida com Deus, compartilha a humanidade com o varão.¹⁷ (2) Porque é mulher -uma pessoa de sexo feminino- e,

15. *Suma teológica*, 1a, 92.1.

16. Citado por Mary HAYTER, *op. cit.*, p. 101.

17. "O que chama a atenção do observador superficial é que as mulheres não são como os homens (...) Mas o fundamental é que as mulheres são parecidas com os homens mais do que qualquer outra coisa no mundo. São seres humanos" (Dorothy SAYERS, *Are women human?* Downers Grove: Inter-Varsity Press, 1971, p. 37).

portanto, **diferente dele**. A descrição da mulher como '**ezer kenegdo** não aponta para a inferioridade da mulher com relação ao homem, mas para a relação mútua de duas pessoas que se complementam entre si. Por isso a mulher que Deus faz e apresenta como companheira é reconhecida pelo homem como osso de seus ossos e carne de sua carne e recebe o seu próprio nome, não um nome qualquer (como no caso dos animais, sobre os quais exerce domínio): "(...) chamar-se-á **Ishshad** (varoa), porquanto do **Ish** (varão) foi tomada." (v. 23)

A igualdade e a distinção da mulher com relação ao varão está na própria base do matrimônio. São os fatores que tornam possível a complementação mútua da qual o casal humano deriva seu sentido. A polaridade sexual não encontra sua justificativa na reprodução, mas na união de dois seres cujas funções se complementam entre si. Isto explica como é possível que Gênesis 2 se refira ao casal humano e aluda ao ato sexual sem mencionar a procriação: no contexto do matrimônio a mulher vale porque, como ser humano de sexo feminino, somente ela está em condições de completar o homem, e a mulher é suficiente por si mesma para explicar a existência da polaridade sexual. Como Otto Piper escreveu: "Ao dar ao homem uma mulher -e não outro homem- para que o acompanhe, Deus indica que a diferenciação sexual tem um significado independente da procriação, e que o companheirismo entre o esposo e a esposa deve ser considerado a maior bênção da vida".¹⁸

Assim, pois, a relação homem-mulher não pode ser definida em termos de uma diferenciação hierárquica entre um ser superior e um ser inferior, mas em termos de uma diferenciação funcional entre dois seres humanos em pé de igualdade. Segundo o ensino bíblico, a intenção central de Deus na criação do casal foi que entre o homem e a mulher se estabelecesse um companheirismo íntimo, uma dependência mútua baseada na natureza complementar dos cônjuges. A complementaridade dos sexos entre si não pode ser reduzida ao biológico: ela abarca a totalidade da pessoa, tanto do varão como da mulher, e comunica a todas suas relações mútuas uma dimensão sexual. Porque o homem e a mulher **são iguais**, já que ambos foram criados à imagem e semelhança de Deus e compartilham uma vocação comum no mundo, eles *devem se amar e respeitar mutuamente*. Porque **são diferentes**, nenhum deles deve negar sua função distintiva ou querer usurpar o papel do outro, ou pretender se realizar em total independência do outro, já que o homem descobre sua identidade masculina frente à mulher, e a mulher descobre sua identidade feminina frente ao homem.

Mais fundamental que a função da mulher na relação matrimonial é a vocação que ela tem como imagem de Deus. No entanto, função e vocação não são idéias antitéticas. É óbvio que para a mulher casada o projeto de vida no qual cumpre sua *vocação de imagem de Deus* deve incluir, pelo menos em parte, o rol de esposa e de mãe. Casar não é condição indispensável para se realizar como ser humano: mas se a mulher casar com sentido de vocação, ela encontra no matrimônio e na maternidade um meio de serviço a Deus e de realização pessoal.

18. *The biblical view of sex and marriage*, Nova Iorque: Scribners Sons, 1960, p. 30.

Entenda-se bem: não estamos advogando aqui a reclusão da mulher ao lar ou negando que haja outras maneiras, afora o matrimônio e a maternidade, por meio das quais a mulher possa realizar-se como pessoa. O que negamos é que a reivindicação dos direitos da mulher passe pelo menosprezo do papel da mulher como esposa e como mãe ou pelo desconhecimento das diferenças funcionais entre o homem e a mulher. A igualdade entre o homem e a mulher não significa a identidade entre ambos; é a igualdade no contexto de complementariedade mútua, uma complementariedade que se estende para além do meramente fisiológico, ao psicológico.

2- O HOMEM E A MULHER NO PECADO

A intenção original de Deus para a relação homem-mulher foi a complementariedade mútua. Dois seres ontologicamente iguais e funcionalmente distintos foram colocados frente a frente com uma vocação comum como **Imago Dei** no mundo.

Por que, então, a mulher experimenta com tanta freqüência uma absoluta dissociação entre a vocação humana e a função que está chamada a cumprir em relação com o homem?

Muitas respostas foram ensaiadas. Na maioria das vezes a discussão polarizou-se entre os defensores de um feminismo que gostaria de jogar fora todo traço de feminilidade que distingue a mulher, a fim de comprovar a igualdade com o homem, e os defensores de um machismo que proclama a superioridade indiscutível do homem. *A raiz do problema está na divisão introduzida entre o homem e a mulher como consequência da queda, segundo Gênesis 3.*

Os capítulos 2 e 3 de Gênesis mostram que a relação homem-mulher, de acordo com o propósito de Deus, seria complementar mas não intercambiável, harmoniosa mas não simétrica, unitária mas não uniforme, recíproca mas não idêntica para os dois sexos. *A vocação da mulher não dependeria da biologia, mas tampouco a desconhecera. "Enquanto sejam somente as mulheres e não os homens os que dão à luz e amamentam os filhos, o domínio das mulheres seguirá sendo essencialmente diferente do dos homens."*¹⁹ O problema é que, como a narração da queda em Gênesis 3 o mostra, o pecado transformou a polaridade sexual (sem a qual não seria possível a complementação mútua entre o homem e a mulher) numa trágica polarização entre os sexos. Como Croatto assinala, "do ponto de vista narrativo, o programa de Javé tecido passo a passo no capítulo 2 se desvia pela força de um antiprograma sugerido por um personagem novo, a serpente."²⁰

19. Emil BRUNNER, *Love and marriage* (Londres: Collins, 1970), p. 223.

20. *Crear y amar en libertad*, p. 99. A serpente é, "entre outras coisas, o símbolo do 'fora do homem' na questão da origem do mal" (*ibid.*, p. 103). O que a caracteriza é ser astuta (v. 1) e enganosa (v. 13b). Com o tempo, o machismo de muitos teólogos usará os mesmos adjetivos para referir-se à mulher.

Um primeiro sinal da separação entre o homem e a mulher, consequência do pecado, é a vergonha que os dois sentem um frente ao outro ao perceberem que estão desnudos (v. 7). A nudez inocente de 2.25 ("Ora, um e outro, o homem e sua mulher, estavam nus, e não se envergonhavam.") torna-se uma nudez suspeita, indicativa de uma ruptura da intimidade mútua e da comunhão com Deus. Fica comprovado que a promessa da serpente, "sereis como Deus" (v. 5), foi espúria: ao invés de conhecer "o bem e o mal", o homem e a mulher conhecem sua própria vulnerabilidade diante de Deus e do próximo.

A alienação mútua do homem e da mulher volta a se manifestar eloquentemente na desculpa que o homem dá a Deus por seu pecado: "A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi." (v. 12) Indiretamente Deus é envolvido na desobediência de Adão por ter feito a mulher e tê-la trazido (2.22). Mas para o homem, a culpada direta de tudo é a mulher. Durante séculos, ao longo da história, muitos teólogos têm estado de acordo com Adão. Assim, por exemplo, Crisóstomo afirmará que "toda raça feminina transgrediu". Tertuliano acusará a mulher de ter destruído a imagem de Deus que é o homem, e Agostinho especulará que a serpente tentou Eva porque Adão não era vulnerável.²¹ A narração em Gênesis, no entanto, mostra que tanto o homem como a mulher são infiéis ao mandato de Deus. Mais: pode-se argumentar com Croatto que a estrutura rítmica dos versículos 6-7 sugere que o "comer" do homem, não o da mulher, é "o epicentro de Gn 2 e 3" o que "responsabiliza o homem como principal, ainda que não como primeiro transgressor do mandamento."²² Se isto for verdade, este autor tem razão ao julgar que "a imagem tradicional da mulher 'tentadora' é uma leitura subreptícia infiltrada no texto."²³ Com isto parece estar de acordo o apóstolo Paulo, para quem a desobediência arquetípica, pela qual o pecado e a morte entraram no mundo, foi cometida pelo homem (Rm 5.12).

A quebra da relação homem-mulher causada pelo pecado se reflete, ademais, no duplo sofrimento a que a mulher se vê sujeita depois da queda: o sofrimento do parto ("em meio de dores darás à luz filhos", v. 16) e o sofrimento da dominação sexual que seu marido exerce sobre ela ("o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará", v. 16). Cabe observar que o que temos aqui não é prescritivo, mas descritivo: trata-se do reconhecimento de uma triste realidade que se deriva da

21. Cf. Mary HAYTER, *op. cit.*, p. 103-04; Severino CROATTO, *ibid.*, p. 203.

22. *Ibid.*, p. 168.

23. *Ibid.*, p. 205. Mary Hayter, por sua vez, sustenta que a razão pela qual Gênesis 3 estabelece uma relação entre a serpente e a mulher é a estreita conexão entre a serpente e o culto à fertilidade, caracterizado pela prática da prostituição e de ritos licenciosos. "Bem pode ser que o papel que é dado à serpente tenha querido destacar que a fascinação do culto à fertilidade, longe de gerar vida, conduz à morte. Prestar atenção à voz da serpente, seguir as atrações enganosas da religião da natureza, era desobedecer a lahweh, o criador e vivificador" (*op. cit.*, p. 104). Para esta autora, a rejeição do culto à deusa no Antigo Testamento obedece igualmente à suspeita para com o culto à fertilidade, comum no Oriente Médio, e não tem sido apenas uma expressão do machismo característico do pensamento hebraico (*op. cit.*, p. 17-18).

desobediência a Deus, a saber, que como mãe e como esposa a mulher sofre. Onde fica a complementariedade com o homem, para a qual ela foi criada?

O quadro da relação homem-mulher no pecado se completa com o nome que o homem dá à mulher depois da queda: "E deu o homem o nome de Eva a sua mulher (de **Jawwá**, "vivente" ou "doadora de vida" = mãe), por ser a mãe de todos os seres humanos." (v. 20) Sobre este texto Croatto comenta: "Que o homem dê um nome a sua mulher reconcilia-os entre si, apesar do mútuo afastamento gerado pelo v. 12 e expressa com outro motivo literário no 16b."²⁴ O que ele no entanto não observa é que o nome que a mulher recebe do homem define-a como um meio para alcançar um fim (os filhos); ele alude à maternidade sem fazer referência à complementariedade com o homem para a qual a mulher foi criada. Ela deixa de ser a companheira com quem ele compartilha toda sua vida, sua "ajuda idônea" (**Ishshah**), osso de seus ossos e carne de sua carne, e passa a ser valorizada por sua capacidade de gerar filhos. Doravante esta coisificação da mulher por parte do homem será característica de sua ação para com ela. A mulher, por sua parte, sente-se cindida entre seu desejo de doar-se a seu esposo e o temor de perder sua liberdade. Os efeitos da queda aparecem assim no matrimônio com todo o peso de tragédia resultante do pecado. Conforme diz Piper, "por meio de sua própria feminilidade a mulher é levada de seu estado de liberdade a um estado de escravidão, e os fatos mostram que sua esperança de gozar de independência junto a seu esposo tem sido somente um sonho".²⁵

A divisão entre o homem e a mulher é uma das conseqüências do pecado. Como afirma Beatriz Melano Couch, "a primeira divisão na humanidade não foi entre senhor e escravo, oligarca e proletário, mas entre o varão e a mulher".²⁶

Curiosamente, a única outra passagem de Gênesis em que se menciona Eva pelo nome é 4.1. Com efeito, ainda que seja óbvio que a expulsão do jardim do Édem descrita em 3.22-24 afete tanto ao homem como à mulher, nesta passagem usa-se **'adam** no sentido genérico para referir-se aos dois, o que mantém visível o varão com o risco de fazer cair a mulher no esquecimento. A humanidade fica instalada num mundo caído, androcêntrico. Não surpreende que toda a história narrada no Antigo Testamento a partir do capítulo 4 de Gênesis seja um drama em que predominam os homens. Isto não nega, obviamente, a importância de mulheres excepcionais como Débora, Ana, Abigail, Noemi e Rute, cuja presença no Antigo Testamento nos faz recordar que Deus, quando criou o Homem, "à imagem de Deus o criou; **homem e mulher os criou**" (Gn 1. 27).

24. *Op. cit.*, p. 151.

25. Otto PIPPER, *op. cit.*, p. 99.

26. *La mujer y la iglesia* (Buenos Aires: Editorial El Escudo, 1972), p. 22.

3- O HOMEM E A MULHER NA REDENÇÃO

3.1- "Nem homem nem mulher"

A encarnação assinala o advento de uma nova era. É a era do reino de Deus, tornado presente na pessoa de Jesus Cristo. É a era do Novo Homem, o segundo Adão, por meio do qual Deus quer restaurar o propósito inicial da criação.

A obra de Jesus Cristo, cumprida em sua morte e ressurreição, dirige-se à totalidade da existência humana. Não tem exclusivamente a ver com a salvação da alma num futuro distante, nem se limita ao aspecto religioso da vida. Ela toca o ser humano, homem ou mulher, no próprio centro de sua personalidade e transforma todas suas relações. Orienta-se à restauração da imagem de Deus no Homem.²⁷ Esta é a convicção que torna possível que o apóstolo Paulo proclame o desaparecimento das divisões entre os seres humanos no contexto da nova era: "Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus." (Gl 3.28) A idéia central é clara: a unidade da humanidade, baseada na criação mas afetada pelo pecado, foi restaurada por Jesus Cristo; portanto, perderam vigência as divisões raciais, sociais ou sexuais que colocam alguns em situação de superioridade e outros em situação de inferioridade.

O antecedente mais importante para esta "Carta Magna da humanidade", como Paul K. Jewett denomina Gálatas 3.28,²⁸ é a atitude de Jesus para com todas as pessoas que em sua própria sociedade judaica eram vítimas de discriminação e menosprezo, entre elas as mulheres. Aqui não há espaço para elaborar o tema. Basta dizer que em seu tratamento com as mulheres Jesus se atreveu a romper os cânones de sua própria cultura e a reconhecer a dignidade humana do sexo feminino de maneira surpreendente. John Stott não exagera quando afirma que "sem alardes nem publicidade, Jesus acabou com a maldição da queda, devolveu à mulher a nobreza que tinha perdido parcialmente, e restituiu a bênção original da igualdade dos sexos na nova comunidade de seu Reino".²⁹

Indubitavelmente, Paulo capta o espírito revolucionário de Jesus no que diz respeito à relação homem-mulher quando em Gálatas 3.28 propõe uma igualdade dos sexos que contrasta notavelmente com as atitudes de menosprezo para com a mulher, tão em voga em seu tempo. Lido à luz da narrativa da criação em Gênesis 1, esta passagem mostra que Jesus Cristo irrompeu na história com uma nova humanidade na qual a **Imago Dei** é restaurada. No Homem que Deus criou à sua imagem, segundo Gênesis 1.27, não havia separação entre homem e mulher: "Criou Deus, pois, o homem à sua imagem (...); homem e mulher os criou." No Novo Homem, segundo Gálatas 3.28, Deus reconstituiu esta unidade essencial dos sexos: "Dessarte não pode haver (...) nem homem nem mulher (...)". A base da unidade é Cristo: [nele] -em

27. Cf. Jorge A. LEON, *La comunicación del Evangelio en el mundo actual* (Buenos Aires: Ediciones Pleroma, 1974), p. 31ss.

28. *El hombre como varón y hembra* (Miami: Editorial Caribe, 1975), p. 150.

29. *Op. cit.*, p. 240.

virtude de sua incorporação no segundo Adão- os crentes, judeus ou gentios, escravos ou livres, varões ou mulheres, formam uma "personalidade corporativa" na qual desaparecem as divisões.

Hoje, vinte séculos depois que Paulo escreveu estas palavras, a unificação dos sexos (como a unificação das raças e das classes sociais) realizada em Jesus Cristo está ainda por acontecer na história. Apesar da "revolução da mulher", qualificada por Jacques Leclercq como "o acontecimento mais importante de nosso século",³⁰ em muitos lugares do mundo (inclusive na América Latina) a mulher segue sendo considerada um ser inferior ao homem. Frequentemente a própria igreja serve como entrave ao que diz respeito à conquista da igualdade de direitos para a mulher. A partir da obra unificadora de Jesus Cristo, nós cristãos deveríamos ser os primeiros em compreender que a construção humana do futuro não pode ser tarefa exclusiva dos homens: ela requer igualmente a contribuição do homem e da mulher. Nem sequer podemos conformar-nos com uma mera igualdade de direitos no campo social, econômico e político. Temos que ir além, rumo à meta de uma sociedade na qual homens e mulheres lutem juntos pela justiça, a paz e a integridade da criação.

3.2- Marido e mulher "no Senhor"

Se *Gálatas 3.28* aponta para o capítulo 1 de *Gênesis*, *Efésios 5.21-33* aponta para o capítulo 2. A mesma obra salvífica que tornou possível a unificação do homem com a mulher como imagem de Deus também torna possível a restauração do propósito inicial de Deus para o matrimônio.³¹ Paulo exorta as mulheres a "serem submissas" a seus maridos "como ao Senhor" (v. 22,24). Por outro lado, chama os esposos a amarem suas esposas "como também Cristo amou a igreja" (v. 25,28,33). Na conclusão, ele não deixa lugar a dúvidas quanto ao significado concreto da unidade conjugal estabelecida na própria criação do casal humano: "cada um de per si, também ame a sua própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite a seu marido" (v. 33).

Sem tentar uma discussão exaustiva desta importante passagem, permito-me fazer as seguintes reflexões:

1. A exortação inicial à submissão mútua (5.21) no original grego faz parte de uma cláusula completa, que inicia com outra exortação relativa à **plenitude do**

30. *Op. cit.*, p. 14.

31. Por razões de espaço limito-me aqui a uma breve discussão desta passagem, a mais rica de todo o Novo Testamento a respeito da visão cristã do matrimônio. Numa discussão mais completa seria necessário incluir também *Mateus 19.3-12* e *1 Pedro 3.1-7*. A problemática da relação homem-mulher na igreja requereria outro estudo que leve muito a sério textos como *1 Coríntios 11.2-16* e *14.35-36* e *1 Timóteo 2.11-15*. Pelo menos algumas das dificuldades destas passagens seriam resolvidas se conhecêssemos melhor o contexto histórico no qual foram escritos. De qualquer modo, não nos parece correto tratar de definir o ministério da mulher sobre a estreita base destas passagens altamente controvertidas, deixando de lado os amplos horizontes do ensinamento bíblico sobre a mulher e sobre o ministério na Igreja.

Espírito de Deus na vida cristã: "E não vos embriagueis com vinho (...) mas enchei-vos do Espírito (...)" (5.18). Aquilo que segue são os resultados da presença do Espírito: a) o louvor comunitário (v. 19); b) o agradecimento a Deus (v. 20); e c) a submissão mútua (v. 21). Este último resultado, por seu turno, introduz uma série de aplicações práticas do princípio de submissão nas relações interpessoais no seio da família cristã: entre esposo e esposa (v. 22-33), pais e filhos (6.1-4), amos e servos (v. 5-9). Assume-se como evidente que a conduta prática que se ajusta à intenção de Deus para a família (começando com a que diz respeito ao casal) é expressão da plenitude do Espírito. O estilo de vida que se exige dos cristãos é inseparável da ação de Deus e isso o distingue de todo legalismo.

2. A definição da relação esposo-esposa precede a referência aos filhos porque com efeito os cônjuges se casam entre si, não com seus filhos. O matrimônio que permite que a função dos esposos seja absorvida pela função dos pais cultiva sua própria destruição. O casal é o elemento constante da família e a unidade desta depende da unidade daquela.

3. A ênfase está nas **responsabilidades**, não nos direitos, de cada um dos cônjuges. O esposo que faz do chamado à submissão da mulher (v. 22-24) uma bandeira mas passa por alto no chamado ao amor, dirigido a ele (ao qual o texto dedica mais atenção que ao anterior, v. 25-32), não entendeu o propósito da passagem. A exortação à mulher é inseparável da exortação ao homem. E as duas exortações não são dadas a um homem e a uma mulher quaisquer, estranhos entre si, mas à **mulher casada** e ao **marido**. Em outras palavras, elas acontecem num contexto da unidade conjugal, desta unidade em que **um** homem e **uma** mulher assumem a responsabilidade de viver sua complementariedade mútua no matrimônio. A dignidade dos dois sexos, o feminino e o masculino, subjaz a toda a passagem. Assume-se como óbvio que o homem e a mulher participam da mesma humanidade e podem, portanto, relacionar-se *entre si como pessoas de igual valor e como agentes morais igualmente responsáveis*. Jewett equivoca-se quando sustenta que as exortações dirigidas às esposas (5.22), aos filhos (6.1) e aos escravos (6.5) refletem as limitações históricas de Paulo, explicáveis à luz de sua formação rabínica judaica.³² Em contraste com as **Hausetafeln** dos estóicos, nas quais se exortava as pessoas investidas de autoridade a levarem uma vida ética, aqui se exorta primeiro as pessoas socialmente subordinadas, sem status legal ou moral em sua própria cultura, e então as pessoas que as subordinam, por pressupor que tanto umas como outras têm a responsabilidade moral de decidir.³³

4. Como já foi assinalado, a definição de responsabilidades específicas na relação esposo-esposa está precedida por uma exortação geral: "(...) sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo" (v. 21). Ou seja, a responsabilidade de "sujeição" por parte da esposa e a de "amor" por parte do esposo são as formas particulares em

32. Paul K. JEWETT, *op. cit.*, p. 145-50.

33. Cf. John H. YODER, *La política de Jesús* (Buenos Aires e Downers Grove: Ediciones Certeza, 1985), p. 127. Em português: *A política de Jesus* (São Leopoldo: Sinodal, 1988).

que cada um por sua conta haverá de cumprir essa **submissão recíproca** que está na própria base de toda a relação interpessoal sob o ponto de vista cristão.³⁴ Se é óbvio que, ainda que o chamado ao amor se dirige ao esposo e não à esposa, nem por isto ela fica eximida de amar, também é óbvio que, ainda que o chamado à submissão se dirija à esposa e não ao esposo, este não fica eximido de se submeter. As exortações particulares têm o objetivo de definir com maior precisão a responsabilidade de cada cônjuge, sublinhando aquilo que cada um tem a contribuir para a relação matrimonial; ela, o respeito que salvaguarda a integridade do amor; ele, o amor que se torna credor do respeito. Assim, pois, Efésios 5.22-33 exorta a esposa e o esposo a viverem em seu matrimônio a submissão de Jesus Cristo, cujo modelo de atitude é aquilo que se requer eticamente de todos os crentes: "Não façam nada por interesse pessoal ou por desejos tolos de receber elogios; mas sejam humildes, e cada um considere os outros superiores a si mesmo. Que cada um procure os interesses dos outros e não somente os seus próprios interesses." (Fp 2.3-4, LH)

Nesta perspectiva, nossa passagem de Efésios, longe de ser um clássico legado "machista" explicável à luz do condicionamento do autor por parte de uma sociedade acostumada à opressão da mulher, apresenta o matrimônio num novo marco de referência -a unidade entre Cristo e sua igreja- no qual os dois cônjuges, homem e mulher, se entregam e se recebem mutuamente como pessoas num plano de igualdade. A retórica feminista que está atualmente em voga poderá usar a exortação à esposa de submeter-se a seu esposo como um exemplo da exaltação do sexo masculino no mundo antigo. Mas para fazê-lo terá que extraí-la de seu contexto, no qual está evidente que a submissão da esposa não é mais que uma renúncia voluntária a sua autonomia, em resposta ao amor que seu esposo lhe oferece e cuja medida é nada menos que o amor de Cristo por sua igreja. A radicalidade da ética cristã não se detém com uma "igualdade de sexos" abstrata; ela exige que o marido, como "cabeça da mulher" (v. 23),³⁵ seja o primeiro em abandonar seu egoísmo e se entregue a sua esposa

34. "O termo 'submissão' certamente não significa resignação. 'Submissão' é muito mais ativo, muito mais voluntário e de nenhuma maneira fatalista. Num ato de submissão há um jogo, uma vontade livre. O sentido etimológico da palavra denota a ação de colocar-se à disposição dos demais, de conseguir que o que os demais necessitam predomine sobre aquilo que nós desejamos ou necessitamos. No meu modo de ver, a submissão de forma alguma constitui o oposto de libertação, mas a maneira como a libertação pode ser vivida sem ser corrompida." (André DUMAS, *Liberación y sumisión en ética cristiana*. Buenos Aires: La Aurora, 1975, p. 25). Para a consideração de submissão como uma disciplina cristã, ver Richard J. FOSTER, *Alabanza de la disciplina* (Miami, Editorial Betania, 1986), cap. 8, p. 123-39. Jewett (*op. cit.*, p. 145) nega que a submissão à qual a mulher é exortada em Ef 5.22 seja a sujeição a que todos os crentes são exortados em 5.21. O curioso é que nos melhores manuscritos gregos sequer aparece a expressão "sejam submissas" em 5.22, de modo que o sentido da exortação às mulheres somente pode ser entendida em conexão com a exortação geral de 5.21.

35. A tese segundo a qual Paulo ensina que a relação homem-mulher é hierárquica, com o homem como "autoridade" ("jefe", "diretor" ou "líder") sobre a mulher pressupõe que este seja

em amor, "como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela" (v. 25).; exige que a esposa se coloque à disposição daquele que está chamado a preocupar-se para que ela chegue a ser aquilo a que está destinada a ser na presença de Deus. A ênfase principal da passagem recai sobre o amor **-agape-**, o amor que tem por protótipo a entrega de Jesus Cristo por sua igreja, como a dinâmica que estabelece a unidade do casal e em relação à qual o esposo tomará a iniciativa como "cabeça". E que mulher negará sua submissão e respeito ao homem que entenda que, como "cabeça da mulher", seu chamado não é para o domínio mas para o sacrifício, não para a exploração mas para o cuidado amoroso?

Sem igualdade entre o homem e a mulher não pode haver complementariedade no matrimônio. No entanto, a complementariedade não elimina mas pressupõe as diferenças. Os dois seres que estão chamados a se complementarem mutuamente no matrimônio não são meramente dois seres humanos (e, como tais, iguais entre si), mas um homem e uma mulher (e, como tais, distintos entre si). A restauração do propósito de Deus vai além do simples reconhecimento da igualdade dos dois sexos; ela afirma que em Cristo o homem e a mulher estabelecem uma relação que restaura a unidade que esteve na intenção de Deus desde o princípio. A redenção elimina a polarização sexual, mas mantém a polaridade dos sexos; corrige a situação de opressão da mulher descrita em Gênesis 3.16, mas respeita a diferenciação sexual e as funções que correspondem a cada sexo dentro do matrimônio. Em outras palavras, leva a mulher e o homem ao descobrimento de sua própria sexualidade e do sentido que esta tem como elemento unitário do casal humano.

A diferenciação sexual entre o homem e a mulher não se limita à função que cada um cumpre no ato sexual: ela se estende à função que corresponde a cada um em tudo o que faz a vida matrimonial. Não há necessidade de cair em estereótipos³⁶ para admitir com Brunner³⁷ que as diferenças físicas entre o homem e a mulher refletem diferenças **"na alma e no espírito"**, ainda que estas não sejam tão uniformes e sobressalentes como aquelas. A exortação à mulher a que se submeta a seu marido como aquele que, em cumprimento de seu rol de "cabeça", lhe oferece seu cuidado amoroso não obedece a um conceito da mulher como um ser inferior, mas como um ser cuja natureza se adequa melhor a esta função no seio do matrimônio. Que a opressão da mulher por parte do homem freqüentemente se apóie na "natureza

o sentido de "cabeça" (**kefale**) em 1 Co 11.3 e Ef 5. 23. No entanto, não há a menor evidência de que **kefale** tivesse esta conotação em grego no tempo de Paulo. O termo **kefale** em Ef 5.23 é parte da metáfora "cabeça-corpo" que serve para sublinhar a unidade do esposo com a esposa e de Cristo com sua igreja. Cf. Berkely e Alvera MICKELSEN, *What does kephale mean in the New Testament?* In: Alvera MICKELSEN, *Women, authority and the Bible* (Downers Grove: Inter-Varsity Press, 1986), p. 97-110.

36. A referência é a idéia segundo a qual o homem é caracterizado pela razão e a mulher pela intuição; o homem pela coragem e a mulher pela ternura; o homem pela intrepidez e a mulher pela cautela.

37. *Op. cit.*, p. 222.

feminina" é consequência direta da queda, expressa nas palavras de Deus à mulher: "(...) o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará" (Gn 3.16). Que a mulher veja na submissão a seu marido algo compatível com sua feminilidade é consequência de uma aceitação voluntária do desígnio de Deus na criação, expresso nas palavras de Deus: "Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea" (Gn 2.18). É por isso que Paulo acrescenta que a submissão da mulher será "como ao Senhor", como um dever cristão.

Por causa da longa história de abusos cometidos contra o sexo feminino, com demasiada freqüência em nome da fidelidade à Bíblia, não é estranho que o modelo bíblico da relação homem-mulher no matrimônio seja colocada em juízo: "Mas também se aplica a vocês: cada marido deve amar a sua esposa como a si mesmo, e cada esposa deve respeitar o seu marido" (Ef 5.33). No entanto, desconsiderando-se a diferença funcional entre o homem e a mulher não haverá esperança para a sobrevivência do matrimônio como uma comunidade caracterizada pela complementariedade mútua de seus membros. "Qualquer que seja a evolução dos costumes e da tendência igualitária da civilização, é essencial que o homem e a mulher de maneira alguma esqueçam que foram criados diferentes, que cada um está chamado a cumprir uma vocação distinta, e que a diferenciação sexual é uma característica essencial da humanidade."³⁸

38. *Society and love* (Filadélfia: Westminster Press, 1964), p. 41.12.

REDENÇÃO: ONDE?

*Ilze Zirbel**

INTRODUÇÃO

Um dos capítulos mais difíceis e fascinantes da vida dos seres humanos é o que diz respeito aos seus relacionamentos. Quem de nós não possui histórias para contar, tristes ou alegres, de glória ou desespero, resultantes de nossos relacionamentos? Lares confusos ou desfeitos, natureza destruída ou poluída, guerras, suicídios etc. são provas concretas da dificuldade que temos em relacionar-nos com tudo o que nos cerca.

Certa vez tive em minhas mãos um livro cujo título e capa me atraíram: **Das Zerbrochenes Bild** (A imagem quebrada). Vieram-me à mente algumas perguntas. O que quebrou? Quem quebrou? Quem conserta?

Karl Barth defendeu a tese de que o ser humano é um ser-em-companheirismo, capaz de uma interação genuína com Deus e o/a outro/a, o que o distingue dos demais seres criados e o torna imagem de Deus (Imago Dei). Deus em seu próprio ser não seria um Deus "solitarius", mas "triuno", ou seja, em relação. Conseqüentemente, um ser à imagem de Deus não poderia ser "homo solitarius"¹.

Seguindo este raciocínio de Barth, pode-se dizer que a imagem quebrada está onde há quebra de relacionamentos. Nos primeiros capítulos de Gênesis encontramos um testemunho acerca da criação e queda dos seres humanos. Podemos observar que há, após a queda, uma quebra de relacionamentos entre seres humanos e Deus, dos seres humanos entre si e deles com a natureza.

No entanto, uma nova etapa surge na história humana, e a igreja passa a pregar que Cristo é o restaurador de **todas** as coisas. Teríamos então a resposta à inocente pergunta acerca de quem conserta. Mas o que Cristo realmente restaura? Talvez pudéssemos mergulhar textos bíblicos a dentro em busca de pérolas que nós mesmos podemos estar atirando aos porcos, em busca de uma resposta à pergunta pelo tipo de relacionamentos humanos que Cristo reestabelece.

*Ilze Zirbel estuda na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, RS, e participa como membro fraterno da FTL-B. Ela é uma das organizadoras da consulta **A relação masculino-feminino: Em busca de saúde e obediência**. Seu endereço: Caixa postal 14 - 93001 São Leopoldo RS.

1. Karl BARTH, *Kirchliche Dogmatik*, III/1,41 partes 2-3; III/2,45 e III/4,54.

I - REFLEXOS DA QUEDA

Antes de colocar Gênesis 3 ante nossos olhos curiosos, precisamos ter em mente o que o antecede. Dias cheios de atos e palavras criadoras, dias cheios de "coisas boas".

Gênesis 1 termina, e poderíamos dizer que a palavra chave, no que diz respeito aos seres humanos é: parceria, igualdade (de valores, direitos e deveres). Gênesis 2, o dilema do Homo solitarius (que segundo a reflexão de K. Barth não estaria refletindo a imagem de Deus), nos diz que a realidade do homo solitarius não era boa perante Deus e que este resolve então alterar esta realidade criando outra, na qual houvesse auxílio idôneo (que correspondesse): a realidade do ser humano sexualmente distinto, como homem e mulher.²

Após os olhos de **ambos** se abrirem (v. 6-7), surgem os primeiros reflexos da "queda":

- * percepção da nudez (fragilidade) e busca de soluções próprias (sem Deus) (v. 7);
- * fuga das manifestações de Deus e medo (v. 8-10);
- * desvio da pergunta direta pela "desobediência" (jogando a culpa por sobre outro/a) (v. 11-13);
- * maldição para a cobra (v. 14);
- * inimizade prolongada (luta) entre os descendentes da mulher e os descendentes da cobra (v. 15);
- * dores do parto e domínio masculino (v. 16);
- * maldição para a terra e sofrimento/fadiga na obtenção dos alimentos (v. 17-19);
- * Adão dá o nome à mulher (v. 20);
- * retirada do Éden (v. 23).

Sistematizando-o de outra forma, pode-se dizer que há uma alteração de relacionamentos em três níveis:

1) **com Deus**: medo, fuga (v. 8-10), busca de soluções próprias sem o auxílio de Deus (v. 7), desvio de responsabilidade (v. 11-13), afastamento da presença divina (v. 23).

2) **com a natureza**: dores (v. 16), maldição para a terra, fadigas e morte (v. 17-19), interdição ao Éden (v. 23), luta contínua entre a mulher e a serpente (descendentes).

3) **dos seres humanos entre si**: irresponsabilidade um frente ao outro (v. 11-13), dominação (v. 16-20).

De alguma forma, a situação caótica em que se encontra o mundo atual espelha a dificuldade de relacionamentos nestes três níveis. O livro de Gênesis quer testemunhar que houve uma quebra do sistema de governo comunitário entre Deus e sua criação.

O que Jesus Cristo representa para uma realidade de dominação, falta de respeito e fé?

2. É importante observar que o termo para "auxílio" em Gênesis 2 (*ezer*) não implica em hierarquia de poder. O mesmo termo é usado dezenove vezes no Antigo Testamento, quinze delas para falar do auxílio de Deus, que se solidariza com o povo e vem em seu auxílio de forma poderosa.

2 - JESUS CRISTO E A RESTAURAÇÃO

Desde o surgimento do cristianismo, já na igreja primitiva, se afirma a redenção trazida por Cristo à realidade humana pós-queda. Romanos 5.12-21 disserta sobre Adão e Jesus Cristo, afirmando que na cruz de Cristo a humanidade de Adão está superada.

Já no anúncio do anjo a José, no primeiro evangelho, se diz dEle: "salvará o povo dos seus pecados" (Mt 1.21). Romanos 5.15,18b diz: "se pela falta de um só todos morreram, com quanto maior profusão a graça de Deus e o dom gratuito de um só homem, Jesus Cristo, se derrama sobre todos (...) do mesmo modo, da obra de justiça de um só resultou para todos justificação que traz vida". Inúmeras parábolas falam da ação salvífica de Cristo que veio buscar e salvar o perdido (Lc 19.10), não para julgar mas para salvar o mundo (Jo 3.17).

João Paulo II, em sua encíclica **O Redentor do homem**, afirma:

"Em Jesus Cristo, o mundo visível, criado por Deus para o homem -aquele mundo que entrando nele o pecado, foi submetido à caducidade- readquire novamente o vínculo originário com a mesma fonte divina da sapiência e do amor".³

Afirmações semelhantes também são encontradas nas demais igrejas de confissão cristã. No entanto é possível observar, ao longo da história do cristianismo, que alguns dos aspectos da queda são, por assim dizer, encarados como menos importantes (quando são encarados e não deixados simplesmente de lado).

Colossenses 1.20 nos diz que "havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele (Deus fez com que) reconciliasse consigo mesmo **todas** as coisas, quer sobre a terra, quer sobre os céus". Romanos 5.20 afirma: "onde abundou o pecado, superabundou a graça". Talvez fosse importante perguntar às igrejas de hoje no que realmente acreditam: numa restauração parcial ou numa restauração total, que redima todos os reflexos da queda. Há muita celebração da vitória de Cristo sobre a morte e o pecado, porém, muito pouco se celebra a restauração dos demais relacionamentos.

Nossa teologia precisa, pois, caminhar numa direção que busque a saúde total da criação de Deus, numa tentativa de auxiliar na cura dos relacionamentos marcados por uma "queda" constante. Encontramos em Cristo o modelo para as ações e fé cristãs. Como Cristo agiu em relação a estes aspectos mais esquecidos da queda?

2.1 - Cristo e a relação homem-mulher

Vejamos primeiro a questão da hierarquia entre o homem e a mulher.

A Palestina de Jesus é marcada pela discriminação da mulher em favor do homem. Uma forte visão de que Eva era a culpada pela "queda" era corrente no

3. João PAULO II, **O redentor do homem: Carta encíclica** (São Paulo: Loyola, 1979), p. 14-15.

judáismo da época.⁴ O judaísmo helenístico traz muitos exemplos de enunciados negativos acerca da mulher. A afirmação de Josefo de que a mulher é inferior ao homem em todos os sentidos e por isso lhe deve obediência⁵ é típica da época. Também no judaísmo rabínico existia o conceito de inferioridade da mulher.

A mulher encontrava-se no mesmo nível das crianças e dos escravos, sem direito, em julgamento, a ter seu testemunho equivalente ao de um homem. Filão, judeu helenista, era da opinião de que as reuniões de caráter público não convinham às mulheres.⁶ Também no templo o acesso das mulheres ao átrio era com os pagãos e não podiam fazer a leitura durante o culto. O ensino da torá a uma mulher era raro. De certa forma, a sempre presente exaltação da mulher como esposa e mãe era uma espécie de tentativa de preservação e correção diante de uma imagem tão negativa.

Dentro do helenismo podia-se observar uma certa abertura para a mulher, principalmente no estoicismo, mas sua influência sobre a realidade social era bastante restrita.

Podemos resumir a situação da mulher na época de Jesus dizendo que o seu lugar era em casa, sob a autoridade do homem (*pai ou marido*). Num contexto assim, as ações de Jesus para com as mulheres e outros desprezados de seu tempo tornam-se dignas de observação:

* Dizer a Marta que Maria fora mais esperta ao preferir ouvi-lo a participar das atividades domésticas (como seria o seu dever de "mulher") é, de certa forma, dessacramentar tais atividades (Lc 10.38-42). A forma com Maria o ouve, "sentada aos seus pés", é típica das escolas rabínicas (At 22.3). Não são só as palavras dirigidas a Marta que chamam a atenção, mas também o fato de Jesus falar com duas mulheres que não são da sua família e "ensinar-lhes".

* Quando Lázaro morre, Marta deixa claro o quanto de teologia ela conhece e o quanto conhece Jesus, ao afirmar: "Senhor, se estivesses aqui meu irmão não teria morrido. Mas ainda agora sei que tudo o que pedires a Deus, Ele te concederá (...) sei que ele ressuscitará na ressurreição no último dia (...) Senhor, eu creio que **tú és o Cristo**, o Filho de Deus que vem ao mundo" (Jo 11.20-27). Também Jesus dialoga com ela e lhe diz que Ele é a ressurreição e a vida. Marcos 3.35 cita Jesus colocando homens e mulheres no mesmo nível, de irmãos e irmãs, em sua família. Na discussão sobre o divórcio (Mc 10.1-11) encontramos Jesus afirmando que o repúdio das mulheres era resultado da dureza do coração humano. Deus os havia criado e unido. Esta referência à criação e à união em Gênesis evoca uma visão de igualdade -jamais de hierarquia- que não deveria ser quebrada pelo homem.

* A promoção do amor ao próximo como o segundo maior mandamento e a admoestação para que "tudo o que quereis que as pessoas vos façam fazei-o vós a elas,

4. Cf. Jesus Siraque 25.24: "O início do pecado procede de uma mulher, e por sua causa todos nós morremos."

5. *Contra Apionem*, II,24.

6. Erhard S. GERSTENBERGER e Wolfgang SCHRAGE, *Homem e mulher* (São Leopoldo: Sinodal, 1981), p. 85.

pois esta é a lei e os profetas" (Mt 7.12) mostram que o domínio de uma metade da raça humana sobre a outra não cabe nos parâmetros de Cristo.

* Jesus se apresenta oferecendo salvação a todos, em especial aos sofredores e desprezados, oprimidos e rejeitados (Mt 11.28; Mc 1.32; Mt 21.31). O dito de Jesus apresentado em Mateus 21.32, segundo o qual publicanos e meretrizes precederiam a muitos no Reino de Deus, possivelmente deve ter sido um dos mais escandalosos para a época.

* Em João 4.27 nos é dito que até os discípulos se admiravam que ele conversava com um mulher. A Bíblia apresenta inúmeros exemplos, principalmente parábolas, que demonstram que Jesus dispndia a mesma atenção, tanto para homens como para mulheres: de um lado um amigo inoportuno (Lc 11.5ss), de outro a viúva impertinente (Lc 18.15); de um lado a ovelha perdida (Lc 15.3s), de outro a dracma perdida (Lc 15.8ss); de um, o grão de mostarda, de outro, o fermento (Mt 13.33). E assim como Zaqueu é filho de Abraão (Lc 19.9), a mulher enferma também o é (Lc 13.18).⁷

* Há diversos textos que relatam acerca do convívio entre homens e mulheres no grupo de Jesus (Lc 8.1-3). Com Gerstenberger e Schrage pode-se dizer que "a presença de mulheres entre os seguidores mais próximos de Jesus evidencia quão corajosa e despreocupada mas ao mesmo tempo estranha e impossível para um rabi (mestre), é sua atitude para com as mulheres".⁸

Destes exemplos se pode ver claramente que a visão hierárquica de relacionamentos entre homens e mulheres, espelhada em todo o Oriente, inclusive no judaísmo, não é encontrada nas atitudes e ensinamentos de Jesus. Ao contrário, sua forma de relacionar-se com mulheres estava sempre a empurrá-las para fora desta relação de domínio, igualando-as e equiparando-as aos homens.

Outro detalhe a ser observado nesta relação homem-mulher diz respeito **aos filhos**.

Em Gênesis 3.20 é relatado que Adão dá um novo nome à mulher. Até então ela se chamava **varoa (ishshad)**, porque do **varão (ish)** fora tirada; agora Adão dá-lhe o nome de **Eva** (mãe de todos os viventes), da mesma forma como ele antes dera nome aos animais. O homem começa cedo a impor seus desejos sobre ela, rompendo o relacionamento inicial, em que Deus havia ordenado (Gn 1) que ambos fossem responsáveis por encher a terra e cuidar dela. Encher uma terra desabitada traz implicações maiores do que somente procriar; é necessário zelar pelas vidas geradas para que sobrevivam.

Em que implica esta alteração de nome? A história da grande maioria dos povos que se seguiram a Adão mostra uma propensão a delegar às mulheres o cuidado dos filhos. Os homens, para não dizer que não fazem nada, assumem o sustento da casa e um pouco de atenção aos filhos uma e outra vez. Parece que Adão deseja livrar-se do papel de "pai de todos os viventes" e ficar apenas com a função do domínio.

7. Idem, *ibidem*, p. 92.

8. Idem, *ibidem*, p. 95.

Como Jesus lidou com o assunto?

* Lucas 11.27-28, conta de uma mulher que, aproximando-se de Jesus, exclamou: "Bem-aventurada aquela que te concebeu e os seios que te amamentaram". Jesus respondeu prontamente: "Antes são bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam". Sabemos que os homens tinham maior acesso à "palavra de Deus" na Palestina antiga. No entanto, a prática de Jesus mostra que também as mulheres tinham acesso a esta palavra na pessoa dele mesmo, o que tornava homens e mulheres bem-aventurados, não pela maternidade ou paternidade, mas pela palavra ouvida ou praticada.

* O texto de Maria e Marta também nos faz pensar de forma diferente no que diz respeito às prioridades de uma mulher.

* Marcos 3.31, aplicado à família, é um texto duro. A mãe de Jesus e os demais familiares querem falar com ele; Jesus, no entanto, diz que sua família é mais ampla do que aquela: sua família inclui todos aqueles que servem a Deus e nela todos são iguais, incluindo as crianças, afinal também "delas é o Reino dos céus" (Mc 10.14). Seu conceito de família não implica em hierarquias e enclausuramento, onde uns acham-se no direito de reger a vida de outros.

* Em João 19.26-27 Jesus aparece dizendo a sua mãe e ao discípulo amado que tomem-se um ao outro como mãe e filho. A relação familiar é ampliada. O próprio apóstolo Paulo cita a mãe de Rufo como sendo sua mãe também (Rm 16.13).

* Na edição de Marcião Jesus é acusado de levar mulheres e crianças à separação.⁹ Na verdade, há muitos textos onde Jesus relativiza as relações familiares, ao dizer que veio contrapor o pai ao filho, a filha à sua mãe (Mt 10.35ss; Lc 12.52-53), ou quando diz ao filho que quer enterrar seu pai antes de segui-lo, que deixe os mortos enterrarem os seus mortos (Mt 8.21ss).

O que os autores deste tipo de acusação não perceberam é que Jesus ensinou e vivenciou uma nova forma de se relacionar. O mandamento de honrar pai e mãe continua valendo (Mt 15.3ss); a obrigação de zelarem pelos seus filhos tampouco é suprimida. Mas no Reino há coisas maiores a serem feitas. As relações humanas **entre** si são importantes, o amor aberto a todos é o almejado, tanto por parte de homens como de mulheres.

A forma de Jesus relacionar-se com Deus e vice-versa tem muito a nos ensinar como famílias. Jesus chama Deus de Pai (sem deixar de atribuir-lhe características de mãe), e como Pai, Deus é misericordioso (Lc 6.36), tem um relacionamento profundo com seu filho a ponto de ser conhecido por ele com a mesma intensidade que ele próprio conhece seu filho (Lc 10.22): "Como o Pai me conhece e eu conheço o Pai" (Jo 10.15). O Pai dá a ele autonomia e lhe entrega tudo nas mãos, ou seja, confia nele (Jo 3.35; 5.20). Deus é um Pai que "está sempre aí" e é a ele que o filho entrega o seu espírito na hora da morte (Lc 23.46). Jesus passou muito tempo falando com o Pai, em oração. O Pai não fazia acepção de pessoas, fazia chover sobre

9. Cf. René PADILLA, A relação homem-mulher na Bíblia (*Boletim Teológico*, Porto Alegre, 5 (17):5ss, set. 1991).

justos e injustos, sobre bons e maus (Mt 5.45); era um Pai amoroso.

Disto tudo que Jesus ensinou e vivenciou no seu relacionamento pode-se, portanto, aprender claramente duas coisas: Primeiro, que filhos não são propriedade dos pais nem são delegação das mães. Filhos são irmãos na fé, parte do Reino. Segundo, as crianças são responsabilidade de toda a comunidade, de homens e mulheres, que são chamados a **partilharem** também a tarefa da procriação da humanidade.

Desta maneira Jesus, com sua vida e suas palavras, restaura o propósito original de Deus de uma simetria nos relacionamentos humanos. Tanto entre homens e mulheres como entre pais e filhos (e outros que se poderia enumerar), Jesus desconhece preceitos historicamente determinados que querem justificar o domínio de uns sobre outros. Deus os criou iguais e para ele, Jesus, esta é "a lei e os profetas".

2.2 - Jesus e a natureza: a problemática da subsistência

"Quando Deus diz ao ser humano: 'maldita é a terra por tua causa', não é um castigo que Deus inflige com raiva, mas sim uma lei natural que Deus conhece e anuncia, como o físico prevê que uma pedra abandonada a si mesma, seguramente cairá sobre a terra que a atrai".¹⁰ Toda a vida que Deus criou é aparentemente interligada: Se não houver colheita, há fome. A natureza partilha da ruína e da graça, é o que, de alguma forma, Gênesis 6 explicita ao associar o dilúvio e a morte de tantas vidas ao pecado humano. De igual forma, em Romanos 8.21 Paulo expressa a mesma crença ao afirmar que a criação aguarda ser redimida para a liberdade da glória dos filhos de Deus.

A grande maioria das vezes em que Jesus evocava exemplos da natureza para seus ensinamentos, evoca-se cuidados para com ela.¹¹ As ovelhas sem pastor (Mc 6.34) e a ovelha perdida (Lc 15.4ss) têm alguém que se preocupa com elas, que se arrisca e é capaz de dar a vida por elas (Jo 10). Os lírios do campo e os pássaros são exemplo do cuidado de Deus (Mt 6.25); a figueira que não dá frutos tem em seu favor o apelo do vinhateiro por mais um ano de cultivo (Lc 13.6-7). A Bíblia também relata o costume de Jesus de ir ao monte das Oliveiras para orar e descansar (Lc 21.37; 22.39); fala dele andando no mar, acalmando tempestades, escrevendo na terra (Mc 6.45ss; 4.35ss; Jo 8.1ss), comparando os profetas aos frutos -bons ou ruins- das árvores. A profundidade da relação entre Jesus, Deus e a natureza também é evocada pelo tremor da terra e o surgimento das trevas na hora da morte de Jesus (Mt 27.45ss).

Além do cuidado com a natureza, expresso em sua forma de falar sobre ela, Jesus também falava do pão da terra, da propriedade. A relação do povo judeu com a terra era algo sócio-teológico. A terra era herança de Deus para o sustento da vida. Desta forma, a esperança por um reino messiânico alimentada pelo povo trazia consigo a imagem de libertação da terra, a imagem de um povo com terra própria. Tal imagem associava-se muitas vezes ao jubileu (Lv 25). O ano do jubileu tratava da

10. Paul TOURNIER, *Culpa e graça* (São Paulo: ABU Editora, 1985), p. 171.

11. A figueira estéril (Mc 11.13) parece ser uma excessão.

justiça na distribuição da posse da terra e procurava impedir os desníveis sociais que porventura acontecessem, assegurando aos pobres o bem-estar e o sustento através da posse da terra. A prática do jubileu, no entanto, há muito tempo tinha sido abandonada.

Na época de Jesus, havia uma grande concentração de terras nas mãos de poucas pessoas, inclusive estrangeiros e o estado romano. Aqueles que não possuíam terra e que trabalhavam em terras pertencentes a outros sofriam muito. "Os pesados impostos por parte de Herodes, o Grande, forçavam os pequenos proprietários a contrair duros empréstimos para os quais colocavam suas terras como garantia. Incapazes de pagar suas dívidas, perdiam as mesmas, convertendo-se em jornaleiros."¹² Havia fadigas em demasia para alguns e ociosidade para outros, resultante da opressão na terra.

É neste contexto que Jesus atua e, provavelmente, é para este povo proveniente de um meio de exploração, que ele profere o Sermão da Montanha e fala da herança da terra para os mansos e da fartura de justiça para os que por ela anseiam. Segundo Lucas 4.16-21, Jesus usa o texto de Isaías 61.1-3 para falar do ano agradável a Javé, e que possivelmente faz alusão ao ano do Jubileu. Jesus retoma o texto e o assume como cumprido nele próprio; ele é o próprio reino e vem para cumprir o ano agradável a Javé.

Ao falar do perdão no Pai Nosso (Mt 6.12), Jesus usa o mesmo termo que aparece na parábola do credor incompassivo, referido ao perdão das dívidas. O termo não é corrente no grego no sentido de pecado, e revela um substrato aramaico, a língua materna de Jesus.¹³ As dívidas eram parte central no jubileu: elas eram totalmente canceladas. Desta forma, o perdão de Deus teria implicações para dentro do campo econômico: seria o modelo de perdão de dívidas para com aqueles que não podem pagá-las. A mesma implicação está descrita em Mateus 18.23ss, quando não se restringe o texto apenas ao campo moral.

No Reino, "o trabalhador é digno do seu alimento" (Lc 10.7); isso também transparece na parábola dos trabalhadores da vinha. Não importa se os que vieram por último trabalharam menos: eles também recebem o salário de um dia de trabalho para o seu sustento (Mt 20.1ss). Em Lucas 15, na parábola do filho pródigo, consta que os empregados do pai tinham fartura. O Pai Nosso também pede, com toda a clareza, o pão em suficiência para cada dia (Mt 6.11).

A questão do sustento aparece de forma interessante em Mateus 12.1ss, quando os discípulos entram num campo qualquer e apanham espigas para comer. Os fariseus surgem como os juizes: era sábado e transgredir a lei do repouso poderia implicar em apedrejamento. Jesus, interpelado quanto ao fato, se coloca em defesa dos discípulos e contra a lei com o argumento de que a defesa da vida vem antes de qualquer lei. Os discípulos estavam com fome, e esta era a "lei" que valia.

Na história da multiplicação dos pães aparece outro aspecto fundamental. Quando Jesus diz aos discípulos que providenciem pão para a multidão, evoca a

12. Roy H. MAY, *Los pobres de la tierra* (San José: DEI, 1986), p. 67.

13. Joachim JEREMIAS, *O Pai Nosso: a oração do Senhor* (São Paulo: Paulinas, 1976).

solidariedade contra a tendência individualista de "cada um por si".

Tampouco se pode esquecer que Jesus foi tentado pelo diabo justamente num momento de fome, e a primeira tentação relaciona-se precisamente com o pão. Isto nos leva a suspeitar que momentos assim sejam propícios para que ele semeie o joio no Reino.

Partilhar o pão pode ser uma forma de aliviar fadigas. Os seguidores de Jesus na igreja primitiva começaram muito cedo a praticar a solidariedade na partilha. Eles partilhavam tudo o que tinham: casa e propriedade, alimentos, afetos, fé e amor (At 2.42), levando a sério o espírito **comunitário** com que Jesus falava do pão. Afinal, ele *próprio escolheu o pão como símbolo do seu corpo, compartilhado... numa cruz*. Este símbolo é lembrado pela comunidade através dos séculos e fala da vida como constante partilha.

2.3- A dor

A única referência que se faz no Novo Testamento à dor de parto está em Gálatas 4.19, e é feita por Paulo para exemplificar seu sofrimento para com os Gálatas. A problemática da dor, no entanto, é recorrente em inúmeros textos, principalmente nos evangelhos. Jesus é aquele que mais se preocupa com a dor, não com uma dor que porventura pudesse abater-se sobre ele, mas com a dor dos que estão mais próximos dele, com a dor dos que o cercavam.

Dores físicas, possessões, a dor da discriminação, de pecados sem perdão, de angústias... Todas encontraram em Jesus uma fonte de alento, cura, perdão, alívio. **Encontraram restauração.**

A viúva de Naim com seu filho morto (Lc 7.13), a pecadora em prantos (Lc 7.38), a adúltera (Jo 8.1ss), a hemorrissa (Mc 5.25), o filho lunático (Mt 16.15ss), crianças, paráliticos, prostitutas, pecadores... Também estes encontraram em Jesus esperança renovada e alívio da dor.

Afirmar que Jesus quer ou tolera a dor física de alguém é não conhecê-lo. Todos os esforços que possam ser feitos para aliviar as dores humanas condizem com a vontade daquele que morreu e se entregou para alterar a realidade de morte e dor reinantes no mundo.

3- E A IGREJA?

Um dos maiores problemas da igreja é a dificuldade de discernir barro de água viva e de traduzir aquilo que ela crê em algo plausível para a realidade. Elementos culturais têm feito parte da agenda de muitos cristãos durante séculos e foram por eles aplicados como se o evangelho fossem. Os fundamentalista, por exemplo, têm tentado ser mais religiosos que Deus, querendo adonar-se do juízo sobre o bem e o mal e tentando ditar regras de conduta para os outros, semearam mais queda do que bênção. Com isso eles fogem do confronto com uma realidade inacabada, perturbadora e questionadora que mostra nossa necessidade de discernimento constante.

Numa época em que as mulheres são gerentes de banco e presidentes de países, nós não podemos continuar pregando a cultura antiga. Se para a época de Paulo era escândalo que uma mulher falasse em público, hoje é motivo de escândalo exigir que elas cale a boca.

Não obstante, vale ressaltar que, apesar da aparente liberdade da mulher no campo de trabalho, nossa cultura continua delegando a ela o trabalho doméstico e a educação dos filhos, acentuando nitidamente as tendências de cada sexo. Com isso há pouco espaço para o desenvolvimento integral do ser humano, principalmente da mulher, que é educada para a dependência. Seu valor e segurança continuam dependendo do homem. Mas a mulher precisa sair detrás da sombra de uma imagem frágil e dependente, para assumir-se como feita à imagem de um Deus santo, íntegro, forte, poderoso e completo em si mesmo. E nossa teologia precisa passar a levar isto em conta.

Puritanismos e liberalismos marcam nosso passado e nosso presente, principalmente dentro das igrejas. A sexualidade humana precisa ter seu valor reconquistado e respeitado para que os próprios relacionamentos entre homens e mulheres possam ser saudáveis e completos, resultando assim num relacionamento familiar equilibrado. Confiança mútua, respeito e diálogo contínuo entre homens e mulheres, entre pais e filhos são fundamentais para uma convivência e relacionamento sadios. Também a paternidade precisa ser recriada -ou criada- em cima dos mesmos valores. A igreja necessita lutar pela dignidade de suas crianças, que não são propriedade dos adultos, mas pessoas humanas que precisam de exemplos bons e concretos para estruturar suas personalidades e organizar suas vidas.

A justiça na terra e nas relações de trabalho não pode ser relegada a um segundo plano. A igreja precisa ocupar-se solidariamente com os que carregam pesados fardos de injustiça, sofrem dores e fadiga e comem -quando comem- o seu pão com lágrimas nos olhos testemunhando o sofrimento da luta pela sobrevivência. Dar pão a quem tem fome e água para quem tem sede é estar participando da construção de um reino que ainda está por vir em sua plenitude, mas que tem já seus pilares lançados. Precisamos, como cristãos, ter também uma nova forma de relacionar-nos com o mundo que nos cerca, cultivando-o e preservando-o comedidamente e sem destruição.

Só quando a fé for traduzida em prática da justiça e do amor, a graça abundará onde antes predominava o pecado, o advento será superado pela presença de Cristo no mundo através de uma igreja encarnada, contextualizada. Abundar em graça é transpor os próprios estreitos limites. Então é possível encarar questões fundamentais como: Qual o Deus que se prega? De que reino se quer fazer parte: um reino presente e plausível ou distante e inoperante?

Quando o sol matutino aponta no horizonte, ainda não temos o dia com a plenitude da luz e do calor, mas os seus raios já espantam a escuridão e prometem claridade. O que vai ser já tem início e teremos que passar a orientar-nos não mais pelo

mundo da noite, mas sim pelo mundo do dia.¹⁴

O desafio é lançar fora o velho fermento e tornar-se nova massa, porque com Cristo as coisas velhas passaram e se fizeram novas. Não é possível pôr vinho novo em odres velhos.

14. **Terra de Deus, terra para todos: Temas atuais da IECLB n. 7** (São Leopoldo: CEM, 1982), p. 23.

A RELAÇÃO MASCULINO-FEMININO

Em Busca de Saúde e Obediência

**Consulta Anual
da Fraternidade Teológica
Latino-Americana**

SEÇÃO BRASIL

Você está convidado para refletir
junto com irmãos e irmãs de todo o Brasil
sobre a temática da relação masculino-feminino,
na consulta anual que a seção brasileira
da Fraternidade Teológica Latino-Americana está promovendo.

**De 19 a 23 de setembro de 1991
Em Campinas, SP**

Maiores informações:
Secretaria Executiva da FTL-B
Rua Uruguaiana, 405/33
13026 - Campinas - SP

QUEM É O SER HUMANO?*

*Carmen Perez de Camargo***

INTRODUÇÃO

O ser humano não é fruto do azar, nem fruto final de uma evolução sem sentido. Ele tem um Criador que lhe deu forma e propósito específicos. Abraham Maslow, em seu ensaio **Rumo a uma biologia humanista**, diz:

Ainda é possível discutir interminavelmente sobre a autogênese na evolução ou se condições puramente aleatórias podem dar razão da direção da evolução. Mas não mais podemos permitir-nos este luxo quando tratamos com seres humanos. É totalmente impossível afirmar que um homem se converte em bom médico por pura casualidade, e já é tempo para que deixemos de levar a sério tais noções. De minha parte, voltei as costas a tais debates sobre o determinismo mecanicista sem sequer entrar na questão.¹

Da mesma forma neste texto será deixado de lado o debate sobre o determinismo mecanicista para simplesmente afirmar que o ser humano é um ser criado por Deus.

Antes de entrar no tema, convém ressaltar que as reflexões aqui apresentadas são fruto de minha própria experiência e desenvolvimento cristãos. Neste sentido, não são questões teóricas, mas um produto de minha vivência pessoal e de minha própria teologia. Quer dizer, daquilo que eu considero que Deus me tem revelado a seu respeito, sobre mim mesma, sobre os demais e sobre o mundo no qual lhe aprouve fazer-me nascer.

Este trabalho deve muito a pessoas com as quais Deus me colocou em contato íntimo durante minha vida cristã e mesmo antes dela. Pessoas que de muitas maneiras me permitiram entrar no recinto sagrado de sua vida e que, através de suas próprias respostas ou questionamentos, ajudaram-me a avançar em minha própria compreensão da realidade do ser humano. Quero mencionar em especial os grupos de mulheres

* Extraído de: **Un enfoque bíblico del ser humano: Varón y mujer desde la perspectiva de la creación**, palestra apresentada em julho de 1990 à Fraternidade Teológica Latino-Americana (Seção México) como requisito para o ingresso. Usado com permissão da autora.

** **Carmen Perez de Camargo** é batista, membro da FTL no México e trabalha com projetos de desenvolvimento em comunidades marginalizadas. Endereço atual: Lerdo 106, Edif. C, Dpt. 302 - Barrio San Pablo - Deleg. Iztapalapa - 09000 México, DF - México.

1. Abraham MASLOW, *La personalidad creadora* (Barcelona: Kairós, 1983), p. 23-24.

com os quais Deus me relacionou. Seus questionamentos, seu desejo profundo de entrega a Deus e de serviço aos demais, sua problemática pessoal que ousaram compartilhar estimularam minha reflexão e busca de respostas.

1- A CRIAÇÃO

Na Bíblia, em contraste com a afirmação de que Deus fez os demais seres viventes segundo seu gênero (Gn 1.21,24,25), é dito que Deus fez o homem **à sua imagem, conforme a sua semelhança**. Este fato coloca o homem num plano diferente do dos demais seres vivos.

É interessante ler o primeiro capítulo de Gênesis imaginando o que ele descreve. Deus se propõe um projeto e leva-o a cabo; fala e atua: não há nele dicotomia nem desintegração. Seu pensamento se converte em palavra; sua palavra se converte em fatos concretos e visíveis. *Ele é um Deus criativo e coerente.*

Mais tarde esta sua criatividade e congruência também estará presente em sua estratégia para a salvação humana. No cumprimento do tempo, a Palavra se tornará carne e habitará entre nós, de tal maneira que veremos plenamente a sua glória (Jo 1.14).

Só podemos ajoelhar-nos e adorar ao contemplar a maneira magnificente como Deus vai preparando todo o cenário para seu projeto de salvação, no qual a criação do ser humano desempenha um papel de destaque. Ele, por assim dizê-lo, cria o ecossistema adequado para o florescimento da humanidade e não somente para sua sobrevivência. Deus cria o universo, cria esta galáxia, o planeta terra, a terra, a atmosfera, os mares, os minerais, a vegetação, os animais em toda sua variedade. Então -e somente então- Deus diz: "Façamos o homem..."

2- IMAGEM DE DEUS

Deus (**Elohim**) cria o ser humano. Elohim é a forma plural para referir-se a Deus, e ressalta sua majestade. Em sentido geral, denota um Deus glorioso, polifacético, todo-poderoso, íntegro, coerente, senhor de tudo e de todos, criador de tudo o que existe: Deus em toda sua plenitude. Este Deus digno de toda reverência e respeito, Deus trino do qual a Escritura dá testemunho, realiza o ato de criação do ser humano.

No contexto imediato, Elohim se apresenta como aquele capaz de criar, íntegro e coerente consigo mesmo. Elohim cria o homem (**'adam**) à sua imagem, conforme a sua semelhança. Destarte adão, o ser humano, reflete de alguma maneira o que é o próprio Elohim. O termo "imagem" (**tsélem**) deriva da raiz que significa esculpir, talhar, gravar uma marca ou cavar um molde. "Semelhança" (**demût**) significa aparência, ser parecido.² Ambos os termos podem ser tomados como

2. H. C. LEUPOLD, *Exposition of Genesis* (Grand Rapids: Baker Book House, 1975), v. 1, p. 88-89.

sinônimos, ainda que cada um amplia a compreensão do significado. Deus (Elohim) grava sua marca no ser humano, criando-o parecido com Elohim. Deus criou os seres humanos "parecidos com Deus" (Gn 1.27, LH). Isto é, o ser humano, à imagem e semelhança de Deus, é um ser pleno, íntegro, criativo, coerente, polifacético, com capacidades administrativas e de exercício da autoridade.

Mas, tal como a imagem de uma pessoa que se reflete no espelho não pode existir separada desta pessoa, o ser humano, devido a sua própria essência, não pode viver isolado de Deus.

3- A LIGAÇÃO DEUS-SER HUMANO

Adão, o ser humano, não pode viver nem desenvolver-se plenamente isolado de Deus, porque Deus mesmo é sua razão de ser. Sua essência humana reside em ser à imagem de Deus. Adão foi criado de tal maneira que reflita a glória de Deus, isto é, que irradie o que Deus é. A glória de Deus não pode ser por nós definida, tampouco descrita em sua totalidade; ela é um mistério. Da mesma forma, a existência humana é um mistério que ultrapassa toda tentativa de definição.

No entanto, certamente esta glória de Deus refletida no ser humano se expressa de muitas formas perceptíveis. Elas podem ser vislumbradas em Gênesis e ao longo de toda a Bíblia; aparecem, no entanto, com maior nitidez na vida e obra de Jesus Cristo, que foi plenamente humano (Jo 17). A este respeito Washington Padilla escreve:

Em que consiste esta glória? João o indica no primeiro capítulo de seu Evangelho, quando diz: Aquele que é a palavra se fez homem e viveu entre nós... E temos visto a sua glória, a glória que como Filho único do Pai dele recebeu: a plenitude do amor e a verdade (cf. Jo 1.14).

Por um lado, a glória que Jesus recebeu de seu Pai e que deu aos seus é a capacidade de **amar como Deus ama** e, por outro, é a **verdade**. Na Bíblia a verdade nunca é verdade intelectual, mas antes integridade pessoal, fidelidade às promessas, lealdade. A glória de Deus é seu amor fiel, e este amor foi revelado em Jesus Cristo de maneira perfeita e pode ser vista nos seres humanos criados por ele.³

A encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo obtêm a restauração de toda a humanidade e da ecologia que foram atingidos pela tentativa frustrada do ser humano de ser como Deus, sem Deus (Gn 3; Cl 1.15-23; Rm 8.1-23). Agora novamente o ser humano tem a possibilidade de viver e desenvolver-se como ser humano, permitindo assim que a glória de Deus resplandeça nele (2 Co 3.17-4.6).

3. Washington PADILLA, *Hacia una transformación integral* (Buenos Aires: FTL, 1989), p. 6.

Ainda que a imagem de Deus segue sendo um mistério inesgotável, é possível que distingamos áreas nas quais a glória de Deus, implantada no ser humano, imprime-lhe características peculiares.

O ser humano é capaz de amar responsável e comprometidamente, é capaz de viver em integridade, de exercer o senhorio e, por conseguinte, a autoridade, porque foi criado à imagem de Deus. No entanto, estas capacidades estão até certo ponto distorcidas nele pelo pecado. Não é possível ser plenamente **humano** em independência frente a Deus. Somente quando o ser humano está ligado a seu Criador ele é capaz de viver segundo sua essência e, deste modo, imprimir também ele a marca divina, estender a glória divina no mundo criado. Esta ligação fundamental com o Criador é novamente possível para o ser humano mediante a aceitação da obra restauradora de Jesus Cristo, que não somente recebeu de seu Pai a capacidade de amar como Deus ama, mas que coloca esta mesma capacidade novamente ao alcance de cada ser humano.

Esta ligação Deus-ser humano conduz assim necessariamente a uma ligação do ser humano com outros seres humanos, expressa biblicamente na relação homem-mulher, isto é, na sexualidade humana, que também é expressão da imagem de Deus.

4- REDE SOCIAL: SER HUMANO-HUMANIDADE

O homem (**'adam**) de Gênesis 1 é a palavra hebraica que designa primeiramente a humanidade, o gênero humano, e não um indivíduo de sexo masculino. Este nome coletivo é também o nome próprio do primeiro varão (Gn 4.25; 5.1-3). Isto é, o homem (**'adam**) do qual se fala em Gn 1.26-27 inclui tanto os homens como as mulheres em termos de gênero humano. É este adão, homem e mulher, quem é feito similar ao próprio Deus. Tanto o homem como a mulher, segundo Gênesis, são criados à imagem de Deus. Adão, o gênero humano, homem e mulher, é portador da imagem, tem a marca divina impressa em si. Como ser social, o ser humano irradia a glória de Deus.

Agora bem, adão o nome coletivo se converte no nome próprio do primeiro ser humano masculino. O Dr. Hans Burki diz:

A expressão bíblica para a individualidade de uma pessoa é o **nome**. O efeito do pecado se vê no fato de o homem ter perdido seu nome. Ele tornou-se anônimo, não sabe quem é. O ato decisivo da redenção pode ser descrito em termos de Deus chamar-nos por nome (Is 43.1). O chamado divino a cada um por seu nome próprio e a revelação do nome de Deus são, com frequência, dois lados do mesmo evento (1 Sm 3.7,10). Quando sou chamado por meu nome, eu mesmo me converto em realidade. Este chamado me desperta para a vida e me capacita para dizer: "Eis-me aqui", em resposta à revelação de si mesmo feita por Deus: "Eu sou aquele que sou" (Êx 3.4-14). Paulo pôde dizer num

surpreendente paralelismo: "Mas, pela graça de Deus, sou o que sou..." (1 Co 15.10).⁴

De modo que Adão, o primeiro indivíduo do qual a Bíblia fala, é o que é pela graça de Deus. Seu nome "Adão" é seu despertar para a vida. É a expressão de sua identidade, de sua singularidade, de seu caráter, de sua personalidade. Deus o fez um ser social, chamado para viver em comunidade, amando como Deus ama.

Adão, o varão, é um indivíduo de sexo masculino. Indivíduo, não individualista. Não é um ser alienado ou isolado. Seu nome individual Adão ('**adam**) reflete sua essência de ser-em-relação, sua responsabilidade coletiva, sua ligação com a humanidade da qual ele é partícipe, ligação esta que se expressa de forma concreta no encontro com a mulher. Adão descobre-se humano em companhia de outro ser humano igual a ele e ao mesmo tempo diferente dele (Gn 2.18-23). Adão é humano. Adão também se torna humano no encontro com seus congêneres. O marco básico de gestação e desenvolvimento do ser humano é constituído pela família de origem (Gn 2.24-25). A partir dela as relações humanas se ampliam em círculos concêntricos, rumo a uma série de redes sociais-interligadas. Estas redes conformam o entorno social no qual a humanidade se expressa e cresce. Desde o advento do pecado, no entanto, é também este entorno quem pode conduzir à desumanização (Gn 3-6).

O ser humano, homem e mulher, em semelhança a Deus, é um ser em relação. Sua vida está ligada à de seus congêneres. É responsável por eles e solidário com eles. Como ser social, sua vida e seu desempenho tem conseqüências para todos os membros de sua espécie. Ele não pode ser humano isoladamente. Sua essência une-o aos demais membros da humanidade. A marca divina impressa nele outorga-lhe a sociabilidade e a responsabilidade coletivas. O ser humano estende a glória de Deus no mundo criado, e o faz em comunidade.

5- SER HUMANO E ECOSISTEMA

Adão, nome coletivo do ser humano, ao mencionar o material do qual foi feito, expressa também que ele não foi criado nem existe num vazio. Da mesma raiz de seu nome também se derivam tanto a palavra '**adom** (vermelho) como a palavra '**adamah**, que significa solo ou terra suscetível de ser cultivada ou moldada.⁵ Quem visitou o sudeste do México, cuja terra se destaca por sua fertilidade e foi usada por Olmecas e Maias para fazer estatuetas de barro, terá visto a "terra vermelha" à qual se refere a palavra '**adamah**. É precisamente "**adamah**" a palavra que se usa em Gênesis 2.7 para denominar a terra da qual foi formado o primeiro ser humano.

Em outras palavras, o ser humano, homem e mulher, é, de certo modo, como a terra da qual provém. Seu nome o descreve como um ser suscetível de cultivo e

4. Hans BURKI, *The gospel today* (Mittersill: IFES, 1975), p. 10.

5. H. C. LEUPOLD, *op. cit.*, p. 85 e 115.

moldeamento, e não somente como aquele capaz de cultivar a terra, como o quer a interpretação mais difundida.

O entorno no qual a humanidade cresce também a conforma. Este entorno inclui o meio-ambiente ('*adamah*, terra) e o meio psico-social ('*adam*, nome coletivo, ser social). Esta interrelação entorno-homem-entorno seria um tema digno de outra palestra.

O ser humano, então, não somente faz cultura, mas é ele próprio também cultura. Os intercâmbios com o meio geográfico, atmosférico, com outros seres humanos, não somente em termos físicos e sensoriais, mas também afetivos, sociológicos etc. moldam sua individualidade. Isso não quer dizer que ele seja totalmente condicionado por sua herança genética, seu meio familiar ou pelo ambiente geral em que lhe coube crescer. Não obstante, sim quer dizer que estes fatores influem em sua formação como pessoa e na formação de sua sociedade. Deus continua sendo o criador do ser humano e seu forjador; para isso segue utilizando a terra e outros seres humanos. A nacionalidade, todo o entorno social, as condições econômicas, a família, os pais, todas as circunstâncias e todas as relações humanas nas quais se desenvolve o ser humano não são fatos fortuitos e irrelevantes, mas fatos que contribuem para a formação de cada pessoa como um ser único e diferente de qualquer outro ser humano.

Tomar consciência desta realidade é particularmente pertinente para enfrentar as situações de miséria, de abuso, de abandono humano e ambiental, de decadência espiritual que atingem boa parte da população na América Latina e em outras partes do mundo.

Em primeiro lugar, alenta a fé e a esperança na ação amorosa e terapêutica de Deus, por mais desumana que possa parecer uma determinada situação. Este é o evangelho de Jesus Cristo (Lc 4.16-19).

Em segundo lugar, faz com que os cristãos tomem consciência e reconheçam o papel preponderante da ação de Deus em suas próprias vidas, mesmo em meio a circunstâncias adversas e pecaminosas, para a formação da própria identidade e vocação (Is 49.1-5; Jr 1.4-5; Gl 1.13-16).

Em terceiro lugar, desafia e impulsiona os cristãos a colocar todo seu empenho para obter situações de vida, para todos e cada um dos seres humanos, capazes de contribuir positivamente para a formação de uma identidade que reflita e ou restaure o melhor possível a imagem de Deus impressa em cada um.

Ao criar o ser humano, Deus proveu-lhe o ecossistema adequado para seu desenvolvimento. Ao criá-lo à sua imagem, outorgou-lhe a capacidade de transformar o ecossistema mediante seu cultivo (Gn 1.26; 2.8,15). O senhorio responsável do ser humano sobre a natureza contribui para restaurar o equilíbrio que foi alterado pelo pecado humano, e promove o florescimento da humanidade. Este senhorio não poderá ser plenamente exercido em isolamento diante de Deus ou dos outros membros da raça humana. Deus é quem estabelece as normas para a administração da natureza e para o exercício da autoridade (Gn 1.26,29-30; 2.15-17; 9.2-7). Quando suas normas são respeitadas, é dado ao ser humano desfrutar dos benefícios da criação e promover seu próprio desenvolvimento como humanidade na interação dinâmica entre o ser humano

e seu entorno. Quando as normas de Deus são alteradas, o senhorio humano se converte em manipulação, a mordomia em exploração e o amor em dissenso e subordinação (Gn 3; Mc 10.42). A própria essência da terra é alterada pela desobediência humana (Gn 3.17-19). A criação até hoje geme pedindo a libertação da corrupção (Rm 8.21-22).

A manipulação e exploração indiscriminada da natureza e de outros seres humanos converte-se em degradação da humanidade. Disto dão testemunho não somente as Escrituras, mas também a história, a genética, a geografia, a antropologia e as ciências sociais em geral.

6- HOMEM E MULHER

A sexualidade humana é expressão da imagem de Deus impressa no ser humano, como já mencionamos anteriormente. Essa aponta para uma relação de amor e integridade entre iguais, na qual é possível a diversidade na unidade. É uma relação característica da humanidade criada à semelhança de Deus e somente possível quando o vínculo com o Criador for mantido em sua integridade.

Tradicionalmente utilizou-se Gênesis 1 para afirmar a igualdade entre o homem e a mulher, enquanto Gênesis 2 foi usado para destacar a diferença entre ambos. De nossa parte estamos convictos que se pode usar ambos indistintamente para tratar tanto da igualdade como da diferenciação humana no contexto da sexualidade.

O enunciado de Gênesis 1.27 é uma descrição do fato concreto da atuação de Deus, destacando-se três aspectos:

*O ser humano é criado à imagem de Deus;

*O ser humano é criado homem e mulher. Cada ser humano, portanto, é homem ou mulher;

*O ser é criado em comunidade.

Estas não são afirmações isoladas. De fato, o paralelismo existente entre Gênesis 1.26 e 1.27-30 torna perceptível que a imagem de si próprio que Deus colocou no ser humano tem a ver com a sexualidade humana. Ademais, no versículo 27 os termos "à sua imagem" e "à imagem de Deus" são equiparados com "homem e mulher". Também a correspondência entre "o criou" (o ser humano genérico 'adam) e "os criou" (o homem e a mulher) confirma a noção de que ambos são criados à imagem de Deus e que homem e mulher em conjunto -e não somente em separado- refletem Deus, isto é, sua imagem.

A imagem de Deus está impressa na sexualidade humana. A sexualidade, entendida biblicamente como identidade e relação homem-mulher, afirma e expressa a sociabilidade humana. (...)**

*** N. E. Por motivos da exigüidade do espaço fomos obrigados a suprimir parte do texto neste ponto. Originais estão acessíveis na Secretaria Executiva da FTL-B.}

CONCLUSÃO

Tentei oferecer uma visão panorâmica do ser humano homem e mulher, na perspectiva da criação divina. Em resumo, as relações interpessoais e comunitárias de todo ser humano são levadas a cabo dentro do contexto de sua natureza à imagem de Deus e como ser sexuado. Neste sentido, toda relação humana é uma relação sexual. Os seres humanos não se relacionam entre si como seres humanos em abstrato; relacionam-se como *homens ou mulheres*. *O sexo encontra-se na própria essência da humanidade criada por Deus à sua imagem e semelhança.*

Em nossa vida não podemos colocar de lado o sexo sem com isso suicidar-nos. A sexualidade humana aponta para a capacidade de companheirismo e unidade entre seres humanos em meio a diferenças. A diferença sexual capacita os seres humanos a complementarem-se mutuamente e expressarem a glória de Deus mediante o amor leal. Esta diferença sexual, ao invés de separar e empobrecer, une e enriquece a humanidade, recordando a todos que pertencem a um mesmo corpo, que são unos e, portanto, solidários.

Existe uma interrelação entre imagem de Deus, sexualidade e comunidade. Deus é Deus-em-relação; o ser humano feito à sua imagem, portanto, também é um ser-em-relação: homem e mulher. A vida individual de cada ser humano está ligada à de seus congêneres, com os quais compartilha a responsabilidade perante Deus e com os quais é solidário.

Existe uma interrelação entre Deus, o ser humano e o ecossistema. Deus é senhor e criador; o ser humano, homem e mulher, criado à sua imagem, portanto, é capaz de exercer sua autoridade e, mediante ela, criar segundo o estilo divino. A matéria prima que Deus mesmo colocou em suas mãos é seu próprio corpo e o mundo criado. Este exercício de autoridade criativa é levado a cabo em comunidade, estabelecendo acordos e tomando decisões de maneira conjunta.

Existe uma ligação entre Deus e o ser humano. O ser humano, homem e mulher, é imagem de Deus; como tal, ele não pode viver e desenvolver-se isoladamente de Deus. Com o advento do pecado à vida humana tornou-se necessária a obra restauradora de Jesus Cristo que devolva ao ser humano seu verdadeiro nome e o desperte novamente para a vida.

Este é o projeto original de Deus para a humanidade constituída por homens e mulheres. Esta concepção do ser humano, homem e mulher segundo os relatos bíblicos, é coerente com a história da salvação cristã. Deus liberta a humanidade da escravidão da corrupção para integrá-la num só corpo do qual Cristo é o cabeça. Deus cria novos céus e nova terra onde a humanidade habitará na companhia de Deus (Is 65.17-25; Ap 21.1-7).

CANTARES

Celebração, poesia e devoção*

Caio Fábio D'Araújo Filho**

A CHAVE HERMENÊUTICA

Cantares é a expressão maior da poesia que nasce entre um homem e sua mulher. Isso sem desconsiderarmos toda a gama variada de opções interpretativas que o livro oferece. Aliás, ele é visto mais comumente como um texto espiritual de sentido vertical caracterizador das relações do homem com a divindade, de Israel com Javé, do Messias com o crente.

Desde o primeiro século da nossa era começaram os judeus piedosos a considerar cantares uma **alegoria** da relação de Javé com Israel. O rabino Akiva, já no segundo século, afirmou ser este livro o mais santo dos textos da Escritura e de um valor incalculável para Israel. Isso em razão de que se cria que nele se acha a afirmação maior da poesia devocional de Israel para com Deus e a legitimação do amor divino em favor de Israel.

Na perspectiva cristã-exegética foi Orígenes, especialista em alegorias, quem começou a ver no texto de Cantares alusões ao amor mútuo entre Cristo e a Igreja. Na época da Reforma Protestante o livro esteve para ser expurgado do cânon Sagrado, só permanecendo graças à interferência de Calvino, que o fez permanecer sob a alegação de que se tratava de uma alegoria espiritual.

A relutância dos reformadores em fazer Cantares permanecer na relação dos livros inspirados acontecia em razão de ainda estar presente e enraizada na perspectiva deles a mentalidade católica-medieval anti-sexual ou pelo menos imputadora de um papel pecaminoso ao sexo.

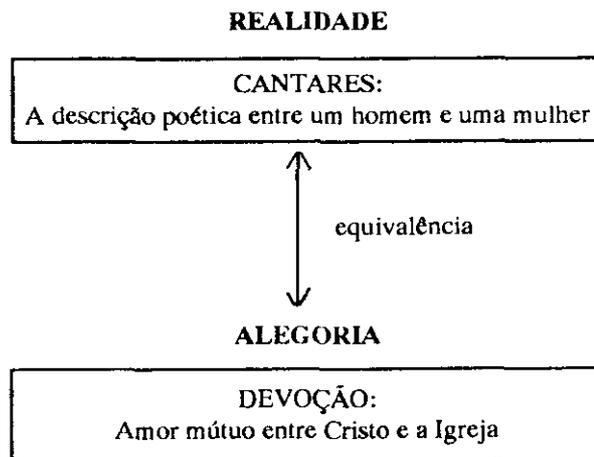
No nosso século, Watchman Nee, o escritor cristão chinês, celebrizou-se por seu estilo alegorista, inclusive mediante a belíssima exposição comentada que fez do "Cântico dos Cânticos", como se auto-intitula o livro de Cantares (1.1).

Ao meu ver é inquestionável que o livro de Cantares possa ser visto como alegoria ou, melhor ainda: como parábola. Minha lamentação é que ele seja visto somente como tal.

Para que fique claro o que estou dizendo permitam a confecção de um gráfico:

* Extraído do livro homônimo, editado pela Vinde, com autorização do autor.

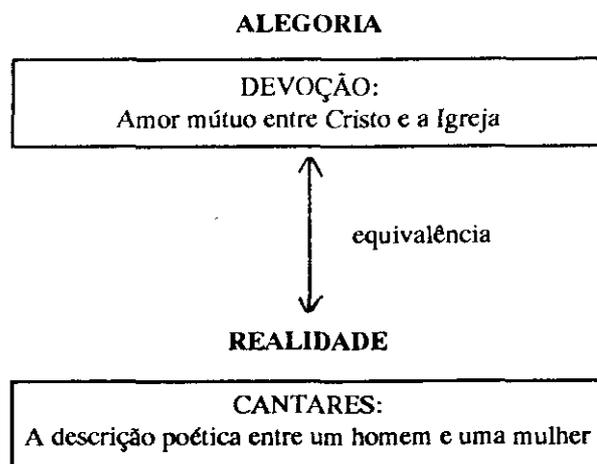
** Caio Fábio D'Araújo Filho, pastor presbiteriano em Niterói, RJ, é presidente da Vinde e da Associação Evangélica Brasileira. Endereço: Caixa postal 100.084 - 24001 Niterói RJ.



Ora a **alegoria devocional** só é verdadeira se ela se basear numa **verdade real**; também só é utilizável se o fato no qual se inspira for igualmente utilizável; e só é éticamente boa se a realidade tomada como ilustração for do mesmo modo moral e pura.

A lógica nos conduz à seguinte reflexão: a alegoria só é legítima, tanto comparativa quanto moral e eticamente, se o paradigma, ou seja, o padrão, o modelo, for igualmente legítimo, seja comparativa, seja eticamente.

Isso nos leva a inverter o gráfico anterior:

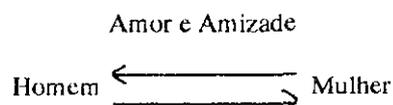


O que estou querendo dizer é que se o **histórico** gera a **alegoria**, e se o que é **físico** engravida aquilo que é **espiritual**, então é porque o histórico e o corpo-físico

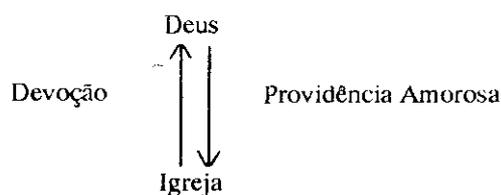
em tal caso, estão revestidos de dignidade e devocionalidade. É por isso que desta vez você vai ler* um material sobre Cantares que não ignora a dimensão horizontal da relação existente no texto.

Em Cantares, portanto, há duas relações:

Relação 1: Horizontal



Relação 2: Vertical



No entanto, ainda que Cantares se apresentasse apenas na relação 1, ele mereceria estar no cânon, pois o amor entre um homem e sua mulher pode e deve ser visto como expressão de santidade e objeto de uma revelação específica de Deus quanto à sua poesia e prática.

Quando você estiver lendo as simples e singelas reflexões que seguirão este intróito, tenha em consideração algumas coisas básicas:

Primeira: O objetivo do livro. Meu objetivo é colocar você diante de um ideal. Lembre-se: de um ideal. Eu pessoalmente não sou diapasão afinado diante da harmonia da sinfonia do amor no "Cântico dos Cânticos", mas é pela sua melodia e notas que estou tentando afinar a minha orquestra conjugal.

Segunda: O meio de compreensão. Leia o livro como poesia pura, em voz alta, e deixe sua imaginação voltar no tempo e mergulhar nas águas profundas da encantação do amor.

Terceira: A atitude. Enquanto estou escrevendo esta introdução, antes de adentrar o véu do amor, nas páginas de Cantares, sinto-me cheio de temor e tremor, percebendo que estou diante da terra Santa. Parece estranho, mas Cantares, mesmo nos seus momentos mais íntimos, tem que ser lido como conto de santidade e poesia da pureza conjugal. Isso porque o amor conjugal dos cristãos deve também ser devoção a Deus entre um homem e sua mulher. Deve ser a **liturgia** do culto conjugal,

* Recorde-se o leitor que aqui está reproduzida apenas a parte inicial do livro.

no santo altar do leito, na oferenda de corpos gratos e entregues um ao outro sem egoísmo, na dança ritual do amor e do prazer, em meio à melodia da respiração feliz, no ideal de gerar alegria e bem estar no outro.

Se eu não pudesse encarar desse modo o próprio ato conjugal, de duas eu escolheria uma opção: ou tornar-me-ia celibatário ou consideraria meu leito uma fuga à santidade, sempre que tocasse em minha esposa. Mas quero viver a vida com a perspectiva daquele que disse: "E tudo quanto fizerdes, fazei-o para a glória de Deus" (1 Co 10.31). É por essa razão que resolvi chamar a esse trabalho de "Cantares: celebração, poesia e devoção".

Meu desejo mais sincero, portanto, é contribuir, sem desmerecer os esforços de outros no passado, para que o "Cântico dos Cânticos" seja a canção de muitos dos meus irmãos e irmãs casados. Todavia, deve ficar também claro, que o presente texto não é, não pretende e mesmo não poderia ser um texto especializado no assunto. Muito mais em função das minhas próprias limitações no campo da erudição, do que pela falta de desejo de que o mesmo o fosse.

UMA BREVE PERSPECTIVA DE ALTERNATIVAS HISTÓRICAS À INTERPRETAÇÃO DE CANTARES

Quando pensei em escrever sobre o Cântico dos Cânticos, o fiz com o desejo de que o mesmo fosse um texto dos mais simples, desprovido de todos aqueles jargões exegeticos e técnicos, com as freqüentes notas de rodapé, que costumam caracterizar os comentários bíblicos. Todavia, mesmo mantendo intactas minhas intenções originais -afinal, nem eu sou um erudito e nem o livro se destina a eles- concluí que seria útil ao público leigo um mínimo de orientação a respeito daquelas que são as perspectivas básicas pelas quais se vê o livro de Cantares.

1- E encontro na vinha

H. A. Ironsaide imaginava assim a confecção do poema: O Rei Salomão tinha um vinhedo na zona montanhosa de Efraim, a uns 80 km ao Norte de Jerusalém (8.11). Para cuidar do vinhedo ele contratou arrendatários (8.11), compostos por uma mulher, dois filhos (1.6) e duas filhas: a sulamita e a sua irmãzinha (6.13). A Sulamita era a bela da família, ainda que passasse despercebida (1.5). Seus irmãos talvez fossem apenas filhos de sua mãe (1.6). Sobre a Sulamita recaíam grandes responsabilidades que lhe eram impostas pelos irmãos. Por isso não lhe sobrava quase nenhum tempo para o trato pessoal (1.6). Seu cuidado com a vinha era dioturno e indômito (2.15). Também cuidava de rebanhos nas "horas vagas" do dia (1.8). Por estar tão exposta ao sol bronzeou-se demais e machucou a pele (1.5).

Num certo dia chegou ao vinhedo um forasteiro elegante e bonito. Era Salomão, desfigurado para não ser reconhecido. Demonstrou interesse pela jovem vinhateira, que se sentiu incomodada por julgar que seu aspecto pessoal estava feio (1.6). Ela, no entanto, tomou o forasteiro por um pastor de ovelhas, e perguntou-lhe onde estava o seu rebanho (1.7). Ele lhe respondeu com evasivas (1.8), porém, ao

mesmo tempo, lhe falou palavras de amor (1.8-10). Prometeu-lhe também que no futuro lhe traria presentes caros (1.11). Salomão encantou o coração da jovem e lhe prometeu que um dia voltaria. De noite ela sonhava com ele e em certas ocasiões ela cria que ele estava voltando (3.1). Finalmente, um dia, ele voltou com todo o seu majestoso esplendor para fazê-la sua esposa (3.6-7).

Se essa interpretação histórica está correta, então há apenas dois personagens centrais na história: Salomão e a Sulamita. Além disso, a narrativa supra serve apenas para explicar o contexto histórico de um terço do livro, pois pára sua montagem em 3.6-7. No entanto, é justamente daí em diante que se desenrolam os principais poemas conjugais. Nada invalida tal interpretação histórica, desde que se permita que o livro permaneça aberto, a fim de que seja mais do que um ensaio sobre o namoro, porém uma descrição do namoro (até 3.6-7) e do casamento, no desenrolar poético, até ao final dos Cânticos.

2- O rico e o pobre disputando o coração de uma mulher

Heinrich Ewald (1826) afirmava que são três os personagens básicos envolvidos no Cântico dos Cânticos: Salomão, a Sulamita e um pastor de ovelhas.

Ewald interpretou "o amado" como um pastor de ovelhas pelo qual a Sulamita era apaixonada e de quem estava noiva, antes de ser capturada e levada para o palácio por um dos servos de Salomão. Depois dela ter resistido a todas as tentativas que o Rei fez a fim de conquistá-la, é feita livre e retorna ao seu amante, com quem ela aparece na cena final .

Os que lêem o livro desta forma dividem-no numa seqüência mais ou menos assim:

* A jovem relembra o seu amado (1.2,3).

* Pede que ele logo a leve de volta, pois o Rei a introduziu nas seduções da corte (1.4). Suas recordações acerca do amado a perturbam (1.7).

* Na luta por conquistá-la o Rei tenta seduzi-la com jóias (1.11) e perfumes (1.12). Mas ela prefere o cheiro do campo que há no corpo de seu amado (1.13,14). Ela se recorda de uma visita feita pelo seu amado e de um sonho que se seguiu a isso (2.8-3.5). Depois disso ela é novamente visitada e louvada por Salomão (3.6-4.7). Imperturbável, a jovem relembra as palavras de seu amado e antecipa seu dia de casamento com ele (4.8-5.1). Nesta expectativa sua mente fica impregnada com as lembranças do seu amado. Por isso, ela sonha com ele e o descreve (5.2-6.3). Nesse ínterim ela recebe mais uma visita de Salomão, que tenta conquistar o seu amor (6.4-7.9). Ela, no entanto, mantendo sua fidelidade ao jovem pastor, resiste às tentativas do Rei (7.10-8.3). Depois disso Salomão a liberta verificando ser impossível conquistar-lhe o coração (8.4-14).

Pessoalmente sou seduzido a aceitar esta interpretação. Isso porque essa maneira de ver as coisas descreve um amor que não se deixa domesticar. Tal história seria digna de figurar como um texto sagrado. No entanto, não posso aceitar essa interpretação histórica do texto pelas seguintes razões:

1 - Aceitá-la implica em negar a autoria de Salomão -pois o Rei não

descreveria de si mesmo tal fracasso. E a autoria de Salomão é uma afirmação antiquíssima, tanto no judaísmo como no cristianismo. Aliás, até que Ewald montasse a sua perspectiva (1826), não se conhecia outra interpretação. Acho temerário negar mais de dois mil anos de história por causa de uma bela montagem textual. Ademais, Cantares se presta também para outras montagens históricas convenientes. Espaço é o que não falta em meio à heteridade da poesia. É fácil conduzir um texto poético em muitas direções opostas.

2 - Aceitá-la também significaria esquecer inúmeros outros aspectos do texto que se embutem perfeitamente bem, pura e simplesmente, ao amor de Salomão e da Sulamita.

No nosso singelo e não exaustivo comentário de Cantares, você perceberá que não nos preocupamos em fazer uma leitura histórica seqüenciada do texto. Nem sei se esse foi o objetivo do escritor de Cantares quando o compôs. Minha única preocupação foi a de fazer uma leitura fenomenológica dos sentimentos e motivações implicadas na poesia, a partir da pressuposição tradicional de que se tratava de uma descrição do amor de Salomão e da Sulamita.

Caso você vá fazer uma leitura baseada na crítica literária, seja qual for a sua ótica interpretativa, este trabalho lhe oferecerá muitos "panos para as mangas", em relação ao modo leigo mediante o qual ele se apresenta.

Todavia, se você ler o livro com a ótica fenomenológica, perceberá que nele há material que pode ser muito útil à compreensão do estado febril do amor que nasce entre um homem e uma mulher, bem como do ideal sublime que nele se encerra.

A opção é sua. Você pode portar-se diante deste livro como um cirurgião com um bisturi na mão, ansioso por encontrar enfermidades; ou como um garoto com um sorvete na mão, ávido por mergulhar no seu sabor. Eu tenho certeza de que sua(eu) companheira(o) preferirá que você faça a segunda opção.

A FORÇA DO AMOR

O livro de Cantares não exalta o amor como virtude sublime. Sem dúvida o amor é a mais sublime de todas as virtudes, mas quem quer meditar nele como tal deve ler outros textos, não Cantares. Quem sabe a sinfonia de Paulo em 1 Coríntios 13.4-8:

O amor é paciente, é benigno, o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se recata do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão, havendo ciência, passará (...)

Não estou dizendo que no Cântico dos Cânticos não haja expressão dessa sublimidade. Ao contrário, o sublime está presente no livro mas não é um sublime que sublima, que se projeta para o imaginário, para o utópico-abstrato. É um sublime no

corpo, no sangue, nos lábios, na pele, na voz, e na amizade do homem e da mulher. É um sublime aqui e agora, na história cheia de ambigüidades e contradições. É um sublime apaixonado ao invés de fraternal, como é o caso de 1 Coríntios 13. É nesse sentido que Cantares não exalta o amor como virtude sublime, conquanto o exalte como uma espécie de sublime em imanência e não em transcendência. Em Cantares, a transcendência do amor é ser imanente no corpo, na alma e na trama da alegria dos cônjuges. Por isso, não fique esperando encontrar grandes conceituações de amor no livro. Os amantes de Cantares não filosofam nem conceituam o amor. Apenas deixam-se dominar por ele, permitem-se inebriar pelo seu cheiro e entregam-se sem resistência a sua magia. O amor não é definitivo em Cantares, apenas, às vezes, comparado àquilo que dá gosto e poesia à vida:

* "É melhor que o vinho" (1.2b)

* "Do teu amor nos lembraremos mais do que do vinho, não é sem razão que te amam" (1.4c).

Afinal, é "o vinho que alegra o coração do homem e da mulher" (Sl 104.15a). E o amor conjugal deve ser um banquete de almas, uma celebração de alegria pela prevalência de dois seres sobre o egoísmo, indômito adversário daqueles que desejam ser um.

Não nos é estranho que a linguagem do amor seja comparativa em relação ao vinho, pois é também ele (o vinho) que deve ser oferecido "aos que perecem (...) aos amargurados de espírito; para que bebam, e se esqueçam da sua pobreza, e de suas fadigas não se lembrem mais" (Pv 31.6). Pois que realidade faz esquecer mais eficazmente o infortúnio que o amor? É diante dele que a pobreza e a amargura são esquecidas pelo curto-eterno espaço do amor.

No curto espaço de amar, o eterno, o sem-fim, se faz presente. Na linguagem de Carlos Drummond de Andrade:

"O mundo é grande, e cabe nessa janela sobre o mar;
o mar é grande e cabe na cama e no colchão de amar;
o amor é grande e cabe no breve espaço de beijar."

No amor, o total invade o parcial, o eterno invade o temporal, o júbilo conquista a tristeza, o prazer vence o desconforto e a pobreza, a gratidão faz esquecer as fadigas.

Em Cantares o amor aparece com o ímpeto do desmaio, da perda dos sentidos, chega com a veemência da fraqueza que domina o corpo e a alma, traz consigo a força da rendição:

"Sustentai-me com passas, confortai-me com maçãs,
pois desfaleço de amor" (2.5).

Diante do amor, o egoísmo fica tomado de anemia, o orgulho deixa de oferecer resistência, e o corpo dominado pela impotência não consegue esboçar reação de rejeição. Por isso os apaixonados são fracos. Em Cantares o amor não é chamado de grande ou majestoso ou sacrificial, mas de belo. Trata-se de um

sentimento lindo, fascinante:

"Que belo é o teu amor, ó minha irmã, noiva minha!" (4.10)

Esse amor pode e deve ser belo porque se inspira no amor rasgado, partido, moído, usado e ensangüentado daquele que por nós se deu:

"Mas Deus prova o Seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rm 5.8).

O amor no Cântico dos Cânticos é rendição assumida e divulgada, é estado de entrega declarado, é vertigem das forças frias da razão ante o exército avassalador da paixão que sitia o coração, despotizando-o, enfraquecendo-o nas suas próprias possibilidades de dizer não àquele que o domina:

"Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém,
se encontrardes o meu amado, que lhe direis?
Que desfaleço de amor" (5.8).

No contexto do "Cântico dos Cânticos" o amor tem paladar, tem sabor, tem tempero, é apetitoso, inspirador de prazer:

"Quão formosa, e quão aprazível és,
ó amor em delícias" (7.6).

No entanto, nem só de cheiro, gosto, alegria, prazer e vantajosa rendição vive o amor. Em Cantares esse amor é também luta, combate, guerra e morte. É amor que enfrenta a própria possibilidade de morrer. Em Cristo, o amor foi mais forte do que a morte, porque tanto por amor ele enfrentou a morte, como também por amor dela ressuscitou (Rm 4.24-25). Mas no nosso livro de afeições e de extasiamentos entre um homem e sua mulher, como pode o amor ser forte como a morte?

"O amor é forte como a morte" (8.6).

A equivalência da força do amor em relação à morte, no cotidiano apaixonado de dois seres humanos, marido e mulher, não está nem na sua longevidade, nem na sua prevalência sobre o fato da morte. Está, sim, na determinação irremovível, inafastável e inexorável de ambos caminharem na procura e na promoção da felicidade. O amor é forte como a morte porque quem morre por amor enfrentou cara a cara a morte e prevaleceu. Perde na luta contra a morte, não quem morre, mas quem foge dela. No entanto, literalmente falando, o texto está aludindo à invencibilidade ordinária da morte. É uma maneira comparativa de dizer: o amor é invencível, jamais acaba. É forte como a morte porque ela sempre vem de antemão vitoriosa.

O amor é forte como a morte quando a vida é um dar da vida pelo outro, especialmente o outro-eu, o cônjuge, minha carne noutro corpo até a morte. Deve ser em razão desse poder triunfante e conquistador do amor que em Cantares se repete um fascinante estribilho:

"Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém,
que não acordeis nem desperteis o amor,
até que este o queira" (8.4).

Quando o amor chega, a sua força se instaura nos seus conquistados de tal forma que a própria personalidade, temperamento são parcialmente alterados:

"Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém,

pelas gazelas e cervas do campo,
que não desperteis o amor,
até que este o queira" (2.7; 3.5).

Gazelas e cervas são animais conhecidos na poesia oriental por sua timidez e recato. Assim é o amor: é, ele faz com que até os tímidos se declarem, e os recatados se aventurem para além dos limites de suas estreitas fronteiras de expressões. Se você tem dúvida do que estou afirmando, então é só imaginar, ou melhor, lembrar como ficam os apaixonados: falantes, desinibidos, soltos, livres, soprados pela brisa da poesia, encantados.

Mas o estribilho do silêncio e das ações cautelosas, para que não se acorde o amor de seu sono, de seu inverno na alma, de seu leito de sossego, visa revelar também esta outra verdade: *Tenha cuidado para não provocar aquilo que pode se tornar irreprimível.*

Tal cautela refere-se àqueles que ainda não foram atingidos pela força mortal e paradoxalmente vivificadora do amor. É por isso que é a mulher casada quem diz às amigas solteiras:

"Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém,
pelas gazelas e cervas do campo
que não acordeis nem desperteis o amor,
até que este o queira".

Amar é mais que ser feliz; é perder o direito à auto-felicidade em favor do outro; é ser feliz na felicidade promovida para o cônjuge; é realizar-se realizando; é completar-se completando; é beber o refluxo do nosso próprio fluxo abençoador; é vida entregue e repartida com o objeto-humano de nossa caminhada.

Mas o estranho é que esse amor que se dá, que se entrega, que conquista e se deixa conquistar é, paradoxalmente, pleno de auto-estima e dignidade. Seu padrão é elevadíssimo. Sua ética de entrega determina que ele não negocia com coisa alguma. Ele se coloca acima de riqueza, suborno, jogo de interesses:

"ainda que alguém desse todos os bens da sua casa pelo amor, seria de todo desprezado" (8.7).

O interessante no texto é que quem fala ao Rei -forte, majestoso e dono de tudo- é a sulamita, mulher bela, porém simples e pobre (6.13; 8.1-3).

A afirmação da mulher é que seu amor não tinha preço. Dera-se a ele por amor, nada mais. Escolhera ser serva do amor, mas jamais se deixaria impressionar pelos tesouros do amante.

Assim é o amor adulto e santo: é confiante, digno, invendável, sem preço. Está acima do poder de compra e barganha. É sentimento inegociável.

A oferta de bens, adornos, casas e tesouros a fim de obtê-lo, recebe como resposta o *desdém*:

"seria de todo desprezado".

Os que tentam substituir o afago pelo vestido, a carícia pela jóia, a voz doce pela serenata paga, a gentileza pelo luxo, a amizade pela diversão, a alegria e o prazer pelo humor comprado, acabarão sendo desprezados.

O amor em Cantares é sobrevivente mesmo nos dilúvios e nas pororocas da vida:

"As muitas águas não poderiam apagar o amor nem os rios afogá-lo"
(8.7a).

O amor trafega na Arca da salvação, sobrevive com sua chama mesmo no coração do mais caudaloso rio.

A idéia é a de uma tocha de fogo que sobrevive à enxurrada e à imersão.

O amor vence as intempéries, o calor, o desconforto, a pobreza, as catástrofes, as bancarrotas e os dilúvios do medo, da violência e da oposição.

Amar é levar nas mãos a "pira Olímpica" que sobrevive aos jogos da vida e é testemunha da vitória e prêmio dos perseverantes.

Assim é o amor em Cantares: alegre como o vinho, delicioso como os mais inebriantes acepipes e manjares, irresistível como o desmaio, inexorável como a morte, inapagável como chama na olimpíada da vida e invendável, como tudo que não tem preço.

É a procura pois desse ideal e dessa utopia em carne e osso que o homem e mulher devem pôr-se a caminho.

ENTENDENDO MELHOR OS ESCRITOS AOS CORÍNTIOS*

Yokimi Yuaça**

INTRODUÇÃO

Já nos acostumamos a aceitar uma série de interpretações bíblicas em relação à mulher e seu papel. O problema é que a teologia enquanto produção humana tem sido quase que monopolizada pelos homens, sendo eminentemente a expressão forte da perspectiva masculina. O que ocorre em nossas igrejas é o que Juliet Mitchell argutamente constata na problemática da identidade da mulher: "A maioria das mulheres ainda possui uma identidade reflexa, ou seja, vê-se com os olhos dos homens e, para complicar, toda ciência criada pelo homem vem reforçar ainda mais esta identidade que constitui o mal-estar profundo de todas as mulheres".

Nós ouvimos os homens falarem do que é "bíblico" para a mulher e aceitamos isso como palavra de Deus muitas vezes sem questionar e ver se é realmente isto o que a Palavra de Deus quer dizer. Uma boa parte da responsabilidade pela falta de equilíbrio entre masculino e feminino na vida de nossas igrejas cabe a nós mulheres, que temos sido omissas na reflexão teológica. Não que, pelo simples fato de serem homens, os teólogos sempre darão o seu parecer de forma tendenciosa. Mas frequentemente nossa própria compreensão do papel da mulher vem carregada de preconceitos, onde o machismo assume a sua postura "sagrada" na palavra de muitos pastores. Nós mesmas, em muitos casos, introjetamos esses conceitos e temos muita dificuldade em trabalhar certas questões com mais autonomia e desenvoltura.

Por isso é necessário que nós mulheres nos descubramos também como sujeitos que pensam e que buscam na Palavra do Senhor caminhos de obediência e de maior compromisso com Cristo e seu Corpo. Oxalá esta pesquisa sobre a mulher nos cultos gregos e na Igreja possa indicar pontos de referência para isto.

* Extraído de: *Auxiliadora idônea. Considerações sobre a mulher, na perspectiva de auxiliadora idônea, com certa ênfase na vida eclesiástica*. Trabalho apresentado à Igreja Evangélica Holiness como requisito parcial para a ordenação para o ministério pastoral. Belo Horizonte, abril de 1991.

** Yokimi Yuaça é obreira na Igreja Evangélica Holiness de Belo Horizonte. Graduiu-se bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Batista Equatorial, de Belém, PA, e atualmente cursa filosofia na UFMG. Endereço atual: Rua Rocha Lagoa, 298 - 31150 Belo Horizonte MG.

A MULHER NOS CULTOS GREGOS E NA IGREJA

Ao ler um texto bíblico é preciso ter certa noção do espaço histórico, social e cultural em que foi escrito. Quando, quase na entrada do século XXI, lemos que às mulheres de Corinto é recomendado que se mantenham em silêncio, que não façam perguntas em público mas depois particularmente ao marido, logo reagimos a partir dos nossos padrões modernos e duvidamos que o cristianismo realmente trouxe a mulher para um plano melhor... Mas se examinamos o texto com mais cuidado, dentro do contexto em que foi escrito, podemos encontrar informações muito interessantes e descobrir o que está por trás daquela discussão.

Na sociedade grega, segundo Richard e Catherine Kroeger,¹ homens e mulheres não comiam juntos nem dividiam o mesmo quarto de dormir. Os homens passavam a maior parte das horas noturnas fora da casa onde as esposas ficavam confinadas. Aristóteles fala que a mulher é inferior ao homem em virtude e coragem e, portanto, não podia ser uma companhia à altura para ele.² Inclusive a homossexualidade assumida pelos gregos tinha também este sentido de busca de uma relação com alguém que fosse do mesmo nível. Os homens velhos educavam a mente e a virtude de seus "adolescentes favoritos", enquanto suas mulheres permaneciam na ignorância. Ao contrário desta situação, Paulo encorajou as esposas a fazerem perguntas e os maridos a discutirem as coisas de Deus com elas. Na mentalidade paulina, se um membro é deficiente o resto do corpo sofre com ele. Paulo rejeitou a segregação de homens e mulheres num mesmo culto, ao contrário do judaísmo da época; deu prescrições igualitárias para o casamento e insiste que cada parte (homem e mulher) pode encontrar a satisfação de suas necessidades eróticas no outro. Contra a justificação da homossexualidade baseada na inferioridade da mulher, Paulo fala que ela foi especialmente criada para satisfazer as necessidades espirituais, emocionais e físicas do homem como companheira.

No primeiro século da era cristã, Corinto se encontrava numa crise de identidade dos papéis sexuais e havia debates vigorosos sobre o mérito da homossexualidade e da heterossexualidade. Na época do império Romano encontramos pessoas se questionando: que opção farei como ser sexual? Com que sexo vou estabelecer uma relação significativa? Em alguns cultos pagãos, inclusive, era comum a troca dos papéis sexuais, com o uso de vestimentas próprias do sexo oposto. No mundo greco-romano parece haver maior evidência de homens assumindo a roupa feminina do que em outros povos vizinhos.

A troca dos papéis sexuais também era um fator significativo na adoração à Afrodite. As mulheres às vezes raspavam a cabeça em honra à imagem de Afrodite, que tinha ao mesmo tempo órgão feminino e masculino. Marie Delacourt identificou

1. Baseamos boa parte do que segue em: Richard e Catherine KROEGER, *Christian men and women, then and now: Pandemonium and silence at Corinth* (*The Reformed Journal*, p. 6-10, jun. 1989) e *Sexual identity in Corinth: Paul faces a crisis*, 1989.

2. Cf. *A política*, de Aristóteles.

em torno de quinze vasos onde aparece a figura de homens com barbas e com trajas femininos e mulheres disfarçadas em homens. Esta prática foi proibida no Antigo Testamento (cf. Dt 22.5).

É dentro deste contexto que encontramos Paulo escrevendo para os coríntios sobre a diferenciação na aparência pessoal entre homens e mulheres no serviço durante o culto (1 Co 11.1-16).

Corinto foi uma cidade grega, mas segundo alguns autores, ela pode ser considerada a menos grega porque era uma cidade cosmopolita por excelência. O comércio era próspero e recebia influência de vários povos. Uma das religiões de origem bárbara, mas que foi assumida posteriormente pelos gregos, foi o culto a Dionísio (Baco). Segundo Kroeger, Corinto antiga (antes de ser reconstruída pelos romanos) era o centro do culto a Dionísio. É interessante entender melhor este culto, especialmente no que se refere ao espaço que a mulher ocupava nele, e ver também os problemas sociais que resultavam disto.

Fernando Melro diz que o "culto dionisíaco começa por ser uma religião mística cuja iniciação é reservada às mulheres, sacerdotisas de Baco." Nas bacantes, Eurípedes nos traz informações sobre esta questão. Penteu, rei de Tebas, traz notícias ao seu pai Cadmo:

Andava eu ausente da nossa terra e chegam-me agora aos ouvidos os tristes acontecimentos passados na cidade. Dizem que as mulheres abandonaram as casas, a pretexto das Bacantais, e que andam a correr pelos escuros montes, clamando em coros que prestam culto a uma nova divindade, um certo Dionísio. No meio dos tásos, encontram-se vasos cheios de vinhos; aqui e acolá, as mulheres ocultam-se em sítios solitários onde se entregam aos braços dos homens, como se fossem Ménedes a oferecerem sacrifícios.³

Baco/Dionísio foi imensamente popular entre as mulheres, especialmente porque o culto a ele dava às esposas gregas enclausuradas nas suas casas a oportunidade para saírem e, sob a compulsão divina, se liberarem para a hospitalidade sexual. Elas ficavam possuídas pelo êxtase da força dionisíaca e saíam pelos campos realizando feitos extremamente selvagens, atos que nem os homens em suas caçadas faziam: esfaqueavam até animais com suas próprias mãos e dentes. A tradição diz que as mulheres durante o culto dilaceravam animais novos e os comiam quentes, recebendo assim nelas a vida de deus.

Na sociedade grega e romana, de acordo com a **Vida de Plutano**, Sólon junto com Epimenides tinham estabelecido leis com o propósito de freiar os excessos do culto das mulheres. Houve um esforço especial para restringir as orgias noturnas das mulheres com os homens. Há considerável evidência, segundo Kroeger, que houve muitos esforços legais para fazer um controle do comportamento da êxtase feminina na sociedade greco-romana. E existem evidências de que muitos destes esforços

3. Eurípedes, *As bacantes* (Lisboa: Editorial Inquérito), p. 26.

falharam. Isto mostra como deve ter sido importante para a igreja primitiva que o comportamento de suas mulheres não fosse considerado reprovado de acordo com os padrões da lei, para que os cristãos não fossem acusados pelos não-cristãos de comportamento báquico.

O véu, os cabelos em ordem e a submissão das mulheres cristãs significavam harmonia com o marido e seu lar, e a inobservância disto, o contrário. O cristianismo trazia algo de inovador: homens e mulheres eram incorporados num mesmo culto e nem o homem nem a mulher eram independentes um do outro.

Paulo, ao falar do casamento, fala a uma sociedade grega profundamente assentada no ódio e no medo da prevalência da mulher, segundo Kroeger. A mitologia é cheia de figuras maternas ameaçadoras, ao mesmo tempo humanas e divinas. Medéia mata seus filhos; Hera, a deusa-mãe, visita os mortais com morte e desgraça. Um jovem diz a Sócrates que ele prefere a ferocidade das bestas do que a de sua mãe (Xenofontes). Philip Slater fala que a mãe rebaixada, emocionalmente e sexualmente não bem resolvida, tende a desabafar sua hostilidade especialmente sobre o filho homem. A repugnância era tão grande que em certas iniciações de religiões misteriosas os homens rastejavam através de um túnel de pedras para simbolizar o "novo nascimento" não dependente de mulher. Paulo refere-se ao ponto crucial desta dificuldade: a dependência entre homem e mulher no processo de nascimento (cf. 1 Co 11.11-12).

Contrastando com o culto a Dionísio que era pela via da *frenesis*, pelo sair-se de si mesmo, pelo êxtase, a mensagem de 1 Coríntios mostra que o cristão precisa do autocontrole sob a influência do Espírito Santo. Esta é basicamente a tônica de 1 Coríntios 14.26-40. Muitos queriam falar em línguas ao mesmo tempo, mas Paulo insiste que sejam apenas duas ou três pessoas, e que falem sucessivamente havendo quem interprete. Se não houver intérpretes, elas devem se manter caladas na igreja. No caso de profetas, podem ser dois ou três, mas caso venha revelação a alguém que estiver sentado, então o primeiro deve calar-se. Os profetas também devem ter autocontrole.

É dentro desta temática de autocontrole que as mulheres são aconselhadas a se comportarem segundo a determinação da lei. Embora as traduções sejam raramente as mesmas, o mesmo verbo grego *hypotasso* é usado nos versículos 32-34 significando organizar-se, arrumar-se. Segundo Kroeger, o versículo 34 seria literalmente traduzido por: "As mulheres se controlem, como a lei também diz". Como o comportamento das mulheres tendia a ser mais desenfreado e selvagem do que o dos homens, que conheciam práticas religiosas mais bem "comportadas", algumas regras tiveram que ser adicionadas. Conforme já foi mencionado anteriormente, aquele que falava em línguas sem intérprete era aconselhado a se manter em silêncio, tal como o profeta quando algum outro desejava falar. Não era uma proibição completa para esses indivíduos não compartilharem seus dons, mas uma instrução para que tudo pudesse ser entendido e pudesse ser proveitoso. Era recomendável que apenas uma pessoa por vez compartilhasse sua revelação, e isto somente se a mensagem fizesse sentido para a congregação.

A segunda ênfase importante neste capítulo 14, segundo Kroeger, é a inteligibilidade. Paulo preferia falar cinco palavras compreensíveis do que dez mil que não pudessem ser compreendidas. Ele aconselha que todos os elementos que não fossem compreensíveis fossem silenciados. Dentro deste contexto podemos entender a recomendação: "as mulheres permaneçam em silêncio nas igrejas, porque a elas não é permitido falarem". Segundo Kroeger, não significava que a mulher não pudesse orar ou profetizar (cf. 1 Co 11.5) desde que ela observasse o decoro; tampouco implicava que a recomendação de manter o silêncio aos que falavam em línguas fosse uma proibição absoluta ao falar em línguas (14.39).

O verbo usado para designar a fala proibida das mulheres é o **lalein**. Primariamente ele se referia à expressão vocal mais do que a um enunciado com sentido. O termo é usado repetidamente no capítulo 14 para descrever a fala em línguas. Phrynichus definiu o termo como "falar coisas insensatas". A palavra é usada para tagarelice, bisbilhotice, balbucio, som animal e música instrumental. Durante o período clássico do grego, ela foi usada para designar a fala que despreza o senso. Debrunner, escrevendo no *Kittel-Friedrich Theological Dictionary of the New Testament*, diz: **lalein** pode também ser usado objetivamente como fala quando for mais uma referência ao som do que ao sentido. A que espécie de locução Paulo pode estar se referindo? Kroeger nos sugere: havia muitos tipos de vocalização nos ritos extáticos e, em certos rituais pagãos, o gritar frenético era esperado das mulheres e era considerado um ingrediente necessário para o culto.

A palavra **lalein** é fundamentalmente uma palavra onomatopéica. Os gregos gritavam "alala" nos cultos e na guerra e personificavam Alala como deidade. Era a mesma fala repetitiva e sem significação na oração pagã que Jesus descreveu em Mateus 6.7 "(...) porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos". O novo padrão de adoração cristã oferecia mais dificuldades para ser adotado pelas mulheres do que pelos homens porque elas não tinham conhecido ritos mais organizados como de Apolo ou Zeus. Para a maior parte delas, a religiosidade tinha que ser acompanhada por extravagâncias de toda a sorte. Agora muitas mulheres precisavam aprender que elas não eram purificadas pelos seus gritos, mas pelo sangue de Cristo e pela lavagem da purificação da água pela Palavra. Era importante que o culto cristão se tornasse algo com sentido.

Como dissemos anteriormente, as mulheres foram encorajadas a questionarem seus maridos em casa, porque a elas era normalmente negada a oportunidade de educação, enquanto os homens podiam participar em todos os tipos de debates teológicos e filosóficos. As questões deveriam ser perguntadas em casa para que a conversa não interrompesse a cerimônia religiosa.

As mulheres também não podiam tagarelar ou cochichar com outra mulher durante o culto. Isto certamente era uma grande tentação porque as mulheres gregas eram confinadas em suas casas. À sugestão de Kroeger "por isto é desonroso para a mulher tagarelar na igreja" talvez nós pudéssemos acrescentar: "ou no corredor da frente da igreja, ou no telefone..." Mas não será o mesmo aplicável para o homem?

DESAFIOS QUE TEMOS PELA FRENTE

É preciso começar um diálogo, do qual os homens também façam parte, sobre as formas de se recuperar o companheirismo idôneo do feminino, uma vez que a maioria das organizações sociais, inclusive a eclesiástica, são fortemente dominadas pelos homens, quando não monopolizadas por eles. É preciso que eles percebam esta unilateralidade como uma perda para a humanidade, inclusive como uma perda para que os valores do Reino se façam mais visíveis entre nós.

É preciso também trabalhar com a mentalidade das mulheres. Algumas reagem bastante negativamente a esta postura de maior igualdade da mulher, inclusive igualdade de chances para exercer uma profissão. Muitas dessas mulheres, ao criarem seus filhos, fazem a cabeça dos "futuros machões" (no mau sentido da palavra, é claro!). Dão certos privilégios aos meninos simplesmente pelo fato de serem meninos e não meninas. Elena Belotti localiza bem esses "machões" e suas conseqüências:

Que pode deduzir de positivo um homem de arrogante presunção de que pertence a uma casta superior só porque nasceu do sexo masculino? Sua mutilação é tão catastrófica quanto a da menina convencida de sua inferioridade pelo simples fato de pertencer a seu sexo. Com isso fica deformado o seu desenvolvimento como indivíduo e sua personalidade se empobrece, prejudicando a sua vida em comum.⁴

Existem estruturas psicológicas que impedem a mulher de buscar o seu próprio crescimento, e inclusive de desejar uma posição de igualdade mais justa dentro do mundo dos homens. Fomos "treinadas" para aceitar que o lugar da mulher é somente o seu lar:

Estas estruturas psicológicas levam a pessoa do sexo feminino a viver com sentimento de culpa frente a qualquer tentativa para inserir-se no mundo da produção, e a sentir-se fracassada como mulher se adere a esse mundo, e a sentir-se fracassada como indivíduo se escolhe, ao contrário, realizar-se como mulher.

Gostaríamos de achar caminhos de amadurecimento como pessoas e não fugir diante dos desafios que encontramos pela frente. Algumas vezes não tomamos nenhuma atitude esperando que um homem (não importa se menos capacitado que nós) assuma as coisas... O resultado disto é um sentimento de frustração e ao mesmo tempo de irritação com certos erros que vemos na pessoa que assumiu a liderança. É preciso que nós mulheres busquemos caminhos de crescimento e assumamos os desafios que iremos encontrar. É preciso rever nosso processo educativo -principalmente aquele que se dá na igreja com base em leituras viciadas de textos bíblicos- para que homens e mulheres sejam educados para a complementariedade e o companheirismo a fim de que a imagem de Deus seja melhor visualizada em nossas igrejas.

Na reflexão teológica, onde os homens têm sido bastante solitários, também é preciso buscar formas adequadas para que o companheirismo idôneo com as mulheres seja vivenciado, e se veja mais concretamente a realidade descrita em Gálatas 3.28:

Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.

**Novo
lançamento**

DEUS CRIOU A CRIATIVIDADE

Ricardo Zandrino

Quando me sentei pela primeira vez para escrever sobre este tema, houve um repentino corte de luz. Às escuras, em frente a um papel-branco, pensei: "Parece de bom augúrio começar às escuras. Assim é a criatividade". ... De fato, começa-se na escuridão e busca-se a luz do novo, do original. A criatividade é o fenômeno pelo qual fazemos ser. É uma luta contra o sem sentido.

Chama a atenção o escasso material sobre o tema. A psiquiatria parece não perceber a transcendência da criatividade, a qual não poucas vezes atribui-lhe traços patológicos. Muitas escolas psiquiátricas reduzem-na a um aspecto secundário de outro processo, ou atribuem-lhe características neuróticas.

A religião também não parece perceber a transcendência da criatividade, e não poucas vezes a qualifica como atividade extra-religiosa ou secular, sendo que - e desde já gostaria de citá-lo - é um traço essencial da experiência relacional com Deus.

Ricardo Zandrino

Capítulos

- I: O Fenômeno da Criatividade
- II: O Deus da Criação
- III: Inspiração e Criatividade
- IV: O Sentido da Criatividade
- V: A Criatividade Cotidiana

TEMÁTICA PUBLICAÇÕES

Caixa Postal 18084
04699 - São Paulo - SP
Fones:
(011)
61-6121
530-9731

OS SETE "COMO" CHAVES DE EFÉSIOS 5

*Rubem Martins Amorese**

Um dos textos que muitas influências teve sobre minha vida é essa enigmática passagem de Efésios 5. Refiro-me aos famosos versos 22 a 32.

Quando digo que o texto teve muitas influências, estou me referindo a uma enorme gama de informações que, ao longo da vida, fui tirando dele. Nem sempre muito coerentes umas com as outras e nem sempre muito sistemáticas. De fato, muitas delas, ao transformarem-se em sermões, provocavam reações negativas, ora em meu público feminino, ora no masculino.

Na verdade, o que ali se contém é tão mobilizante, que sempre me foi muito difícil fazer um sermão agradável sobre o tema. Sempre terminava de falar com a impressão de que havia provocado cisão em vez de edificação. A palavra "submissas", do verso 22, já estraga tudo desde o início... A não ser que no grego... Ou será que devo bater o pé porque é isso que ali está, e a Bíblia não foi feita para ser apreciada, mas obedecida?!

Esse mal-estar, no entanto, me forçou a caminhar na busca do sentido verdadeiro do texto. Não se tratava mais, agora, de agradar a quem quer que fosse, mas de buscar compreender a Palavra. E de proferi-la com fidelidade. Se eu tivesse certeza de haver encontrado um sentido verdadeiro - "o" sentido do texto, mas um sentido correto -, não precisaria mais ter receio das acusações de "machista", por parte das mulheres, nem de "vira-casaca" pelo lado dos homens.

Mas como? Como teria feito o Espírito Santo para contornar toda a formação, todo o ambiente, toda a sociedade machista do apóstolo Paulo? Que meios teria usado Deus para evitar que Paulo falasse de si mesmo e do seu tempo, negando a gerações longínquas uma palavra imutável, equilibrada, e despida de roupagens locais?

Bem, gostaria de partilhar o que encontrei. Encontrei dois tipos de resposta, para a compreensão do texto. No primeiro, a luz provém do entendimento da estrutura do texto; no segundo, da forma como o assunto é exposto. Eu explico.

* **Rubem Martins Amorese** fez mestrado em Comunicação pela UNB, de Brasília. É Presbítero da Igreja Presbiteriana do Planalto e professor na Faculdade Teológica Batista de Brasília. Além de assessor parlamentar no Senado Federal, preside a Comunicarte e coordena o Conselho Editorial da FTL-B.

LUZ A PARTIR DA ESTRUTURA

A primeira coisa a se notar nesta passagem, é que ela faz parte de um texto maior: não está isolada. Há um contexto. Que contexto é esse?

Como na maioria das cartas de Paulo, há uma separação do argumento em duas partes, que podemos chamar de:

- a) a iniciativa de Deus;
- b) a resposta humana.

Na carta aos Efésios, essa divisão é equilibrada: divide o livro em dois segmentos de três capítulos. Nos capítulos 1 a 3, o apóstolo narra o processo pelo qual Deus, tendo-nos criado para sua glória e louvor, e encontrando-nos mortos em nossos pecados, deu-nos vida através de Cristo, seu filho. Nos capítulos 4 a 6, ele admoesta a igreja a viver de acordo com essa verdade. Veja como ele inicia o capítulo 4:

"Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados." (Ef 4.1)

Esse "pois" nos dá uma clara idéia de que ele inicia um longo argumento de aplicação.

Pois bem: que recomendações faz o apóstolo? Recomenda-nos que andemos de forma coerente com a nossa vocação. E começa a estabelecer uma série de padrões de santidade, a serem alcançados pela igreja. São recomendações gerais, aplicáveis a toda a igreja; a todos os crentes, sejam homens, mulheres, moços ou moças. Aplicam-se a solteiros, casados, viúvos, pais, filhos, empregados, patrões etc.

Repare, no entanto, que a grande maioria das recomendações são de caráter relacional; destinam-se a regular as relações entre os membros da igreja. Fala de mentira, de ira, de roubo, linguajar impróprio, cobiça, gritaria, avareza e tantas outras coisas que somente se aplicam a uma pessoa quando em relação a outras. Não teriam o menor sentido, se não houvesse os outros.

E aqui vem a nossa primeira lição: uma recomendação que se aplica às relações entre dois irmãos, não se aplicaria, com muito maior motivo, a um casal? Por que um irmão deveria não mentir a outro, mas poderia fazê-lo ao seu cônjuge? Por que um presbítero deveria tratar com paciência uma irmãzinha e não sua esposa?

Ora, se o argumento acima está correto, então o verso 21 aplica-se ao casamento, com toda a sua força.

Entendeu, leitor? Temos a tendência de começar a nossa exegese pelo verso 22, achando que o texto anterior é outra coisa, é "geral". Mas mesmo que fosse, muito mais motivos teria para aplicar-se às relações familiares.

E o que diz este texto? Diz que as pessoas devem se sujeitar umas às outras no temor de Cristo. Por temor a Cristo -ou, como se fosse a Cristo-, o pastor se sujeita ao irmãozinho, o líder ao liderado, o marido à esposa e esta ao marido. O pai trata o filho adolescente como irmão em Cristo, e vice-versa.

Aí está o primeiro tipo de resposta: na condução da estrutura do texto, Deus providencia para que Paulo fale Sua palavra e não a dele, ou a de sua sociedade. Agora, vamos ao segundo tipo de resposta, aquela que provém da análise do texto propriamente dito.

OS SETE "COMO"

-Mas vai virar uma bagunça, se eu não puder exercer minha autoridade! -dirá o marido indignado. Afinal, o verso 23 diz que eu sou o cabeça!

Realmente, é isso que o verso diz. Mas, para que essa palavra não fosse compreendida à parte de todo o contexto, e distorcida pelo interesse do mais forte -que, de resto, no reino de Deus não é o que fala mais grosso- Deus semeou nesta passagem sete "como", que estabelecem um elemento de comparação, de forma que pudéssemos compreender o que o Espírito queria dizer. Dê uma passada no texto, leitor, e marque a palavra "como". Percebe af um vício de estilo de Paulo? Acredito que é mais que isso: é Deus, o Editor Geral, providenciando meios pelos quais poderíamos ouvir Sua voz por detrás do linguajar, dos costumes e das restrições ideológicas do seu autor humano.

O primeiro "como" está no verso 22 e define **como** as mulheres devem submeter-se aos maridos: **como ao Senhor**. Veja que não é como o marido acha que deva ser, não é como ele manda, como e quando ele estala os dedos. Ela deve submeter-se a ele **como** ela se submete ao Senhor. Se não houvesse este "como", a passagem estaria a dizer, de modo absoluto, que as mulheres devem colocar-se **sob a missão** do marido. O que já pressupõe que o marido deve ter, para o lar, uma missão. Sem missão, a submissão torna-se impossível. Af está um assunto que merece ser melhor desenvolvido. Sem missão não há liderança efetiva!

Mas este elemento de comparação não termina af; parte para esclarecer o lado do marido: "porque o marido é o cabeça da mulher, **como** também Cristo é o cabeça da igreja..." Veja! Há parâmetros para a liderança do marido. Assim como a submissão da esposa tem um modelo, também a liderança do marido é definida pelo "como" do texto. E a definição é o exemplo do próprio Cristo.

Note, então, que a comparação toda que eses "como" estabelecem é entre as relações marido-mulher e as relações Cristo-igreja. E o apóstolo fecha esse argumento introdutório, no verso 24, dizendo que a mulher deve estar sujeita ao marido, como a igreja a Cristo.

Talvez fosse hora de parar para perguntar: "Como a igreja está sujeita a Cristo?" Se compreendermos as características dessa sujeição, saberemos mais sobre as características das relações mulher-marido. Talvez algumas palavras-chave extraídas dos múltiplos textos bíblicos que falam sobre as atitudes da igreja em relação a Cristo ajudem o leitor a iniciar sua pesquisa. Eis algumas: devoção, iniciativa, voluntariedade, fidelidade, abnegação, gozo e alegria. Nada que lembre constrangimento, contrariedade, amargura, subserviência, servilidade, rancor e enfado. Cristo não quer um serviço forçado e mal-feito; serviço apressado, nos minutos de sobra, sem capricho, sem amor, sem atenção, sem gozo. Cristo não se propõe como um capataz que se limita a dar ordens e a punir os faltosos. Não é esse o tipo de relações que oferece. Oferece relações de amor, de responsabilidade, disciplina, iniciativa, reciprocidade. Assim, pois, deve a mulher portar-se, ao assumir a missão que, pelo marido, o Senhor designa àquele lar.

Aí está um leve bosquejo do que o texto quer dizer com os três primeiros "como", dirigidos primariamente às mulheres.

Agora a palavra se volta para os maridos, e os quatro "como" seguintes revelam a natureza de sua atitude em relação às esposas: "**como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela**".

Que interessante! Nem uma palavra sobre poder, autoridade, domínio, direitos e prerrogativas, mas "se entregou por ela". Fala somente de sacrifício! **Para apresentá-la a si mesmo esposa gloriosa, sem mácula, nem ruga nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito** (v. 27). Será que exagerei na transposição, leitor? Tenho certeza que não. Não é através de críticas, ameaças, pressões psicológicas ou punições que Cristo lidera sua igreja, sua noiva. Nem mesmo quando essa noiva se mostra rebelde, desorientada e infeliz. Ao contrário, ele diz que está à porta e bate. Pacientemente.

Cristo nos ensina, com sua atitude, que o verdadeiro líder não usa sua posição em benefício próprio. Ao contrário, o verdadeiro líder é o que atende às necessidades dos liderados. Ser cabeça não é prêmio; é cargo, é função. Função que emana da cruz, com todas as suas farpas. Não é posto para ser gozado, mas missão que será cobrada.

É por isso que o homem deixará seu pai e mãe para se unir à sua mulher (v. 31). É preciso muita independência e maturidade para tal missão. Ser "autoridade", no sentido secular, é relativamente fácil. No sentido aqui apresentado, exige fibra e desprendimento.

-Mas então, dirá você, como "funciona" esse sistema? Assim como está apresentado, ele parece ter um equilíbrio tão frágil...

As relações no Reino dão-se na base do amor e da submissão voluntária. Um se submete ao outro, "como ao Senhor". Aquele que quer ser o maior, faz-se menor e serve aos demais. E os demais dificultam essa tarefa, pois também amam ao Senhor, e também querem servir. Grande é este mistério (v. 32)!

Este modelo, quando aplicado ao casamento, tem a função de testemunhar, nas regiões celestiais, que o projeto de Deus para o relacionamento entre suas criaturas é viável e possível, quando seu nome é invocado. O casamento, neste sentido, é a **vitrine** do Reino. Mas esse já é outro assunto.

A MULHER NA CONSTRUÇÃO DO MUNDO

*Jair Alvares Pintor**

INTRODUÇÃO

A tarefa de escrever sobre a mulher encontra duas dificuldades, entre outras. A primeira é a que dá uma certa cor de misericórdia. Há sempre alguém querendo defender essa pobre criatura. A segunda é a que enfrentamos quando queremos interpretar conceitos e pré-conceitos. Quando isso não acontece, isto é, quando não queremos enfrentar dificuldades, somos levados ao silêncio e à acomodação. Posição singular para a maioria dos teólogos e pensadores. A consequência é a que temos visto e notado. A construção de mundo é unilateral, dentro de uma visão machista; é o mundo dos mais fortes, dos mais inteligentes, dos que levam vantagem em tudo.

Além disso tudo, mexer com o assunto é perigoso, pois há somente dois times, um a favor da mulher em sua liderança no mundo e o outro contra. E, como o grupo que torce a favor é ainda bem menor, corremos o risco, embora tenhamos nascido de mulher, de ter nosso nome riscado do rol dos aceitáveis. Risco que decidimos correr.

Nestes últimos dias, tive o privilégio de ler muitas obras, de questionar sobre muitos conceitos, de pesquisar o assunto e de escutar pessoas. Descobri, de repente, que o que era escasso se tornou abundante. Há uma titularidade imensa em livros, revistas, panfletos, livretos etc., em torno do assunto. O envolvimento com os que escrevem, pesquisam e debatem é universal. A ONU aprovou em 7 de novembro de 1967 uma declaração contra a discriminação da mulher. Depois disso vieram comemorações e datas importantes tais como: ano internacional da mulher, dia nacional da mulher, década da mulher etc.

A América Latina ocupa lugar proeminente na pesquisa e discussão sobre o assunto. Há um número razoável de livros na área de história, na área teológica e outros tantos nas áreas da estatística e documentários. Outra área que não pode ser esquecida em termos de produção literária é a da psicologia. Entre obras traduzidas e muitas escritas a partir da América Latina, encontramos um labor admirável dentro do assunto. Já não podemos afirmar o mesmo da área teológica que tem se mostrado apática e até certo ponto acomodada diante do desafio do assunto.

* **Jair Alvares Pintor**, teólogo congregacional, literato e filósofo, é reitor do Instituto Bíblico Brasileiro em São Paulo, SP, e membro do Conselho Editorial da FTL-B. Endereço atual: Rua Pires da Mota, 110, Aclimação - 01529 São Paulo SP.

Observei, também, que a produção sobre o assunto da mulher pode ser equiparado à produção sobre o tema do Espírito Santo. De alguns anos para cá, os dois assuntos têm merecido a atenção de muitos pensadores, hermenêutas e expositores bíblicos.

O ano de 1991 foi separado pela Fraternidade Teológica Latino-Americana - Seção Brasil, para tratar do assunto sob a perspectiva da "Relação Masculino-Feminino, em busca de saúde e obediência".

A minha participação, com a escrita do presente artigo, é um esforço juntamente com outros esforços e trabalhos realizados por outros irmãos nas várias regiões do Brasil. Proponho-me a trabalhar expondo a matéria sob o ponto de vista bíblico-antropológico, sem desprezar o que as demais ciências oferecem dentro do assunto. Espero que este trabalho sirva de subsídio para a reflexão e a pesquisa sobre tão relevante tema.

I- A MULHER NO ATO CRIATIVO DE DEUS

O texto de Gênesis 1 é básico para a compreensão sobre o tema da mulher. O texto afirma, no verso 27, sobre o ato criativo de Deus "... homem e mulher os criou".

O interesse que o relato da criação deve despertar no estudante da Bíblia, está em ligar toda a criação do sexto dia dentro da idéia essencial de "no princípio". É a última etapa do ato criativo do Eterno. É nesse período que são criados todos os animais e répteis da terra e também o homem e a mulher. O verso 26 de Gênesis primeiro fala do domínio do homem sobre todos os animais, tanto os das águas como os da terra. Sendo o homem um animal, a diferença está na proposta do Criador em lhe dar inteligência e capacidade para governar os outros animais. O verso 28 do mesmo capítulo é bem diferente. Surge em primeiro lugar a bênção do Eterno. Essa bênção revela uma inter-relação entre Deus, o homem e a mulher. A bênção é endereçada a eles. Não há privilégio de um ou de outro. Essa mesma bênção vem dividida em duas partes, cada uma delas com sentido duplo. Em primeiro lugar vem: "Sede fecundos e multiplicai-vos". Esse binômio revela a importância que o Eterno deu e dá para as relações humanas. Não há espaço para o individualismo. Não há espaço para a solidão. O texto revela a diferença entre os sexos, porém quando se trata de unidade, um complementa o outro. Homem e mulher separados são apenas animais; juntos, porém, deles emerge a unidade glorificante do Criador. É claro que há discordâncias nesta matéria. Desde tempos antigos, a influência da filosofia aristotélica levou muitos teólogos e filósofos a assumirem a hermenêutica dualista dos opostos. Hoje em nossos dias a coisa não tem mudado de feição. Esta é a razão porque quase a totalidade dos que discorrem sobre o assunto homem-mulher, começa a argumentar a partir do capítulo 2 de Gênesis.

A questão é básica e essencial. Quando se tem a pretensão de tratar da criação da mulher, pelo menos dois aspectos devem ser considerados. O primeiro aspecto diz respeito ao espaço homem-mulher antes do pecado relatado em Gênesis 3. São

Gregório de Nissa¹ discorrendo sobre o ato criativo de Deus afirma que homem e mulher foram criados tendo em vista o pecado que cometeriam. Afirma ainda este pai da Igreja, que o pecado reduz o homem ao puro estado animal, só conseguindo se reconstruir a partir da redenção providenciada pelo próprio Deus. Dentro da argumentação de São Gregório, a ruptura entre homem e mulher é uma consequência da desobediência. Da mesma forma pensa João Scoto Erígena² considerando que a divisão entre os sexos não fazia parte do plano original de Deus, mas foi uma consequência direta do pecado. O que nos parece é que esta doutrina é uma extensão do ensino de Orígenes³ quando trata da pré-existência da alma. Como temos dito, esta é uma questão primordial. Teria o homem sido criado em estado de pureza angelical e nesse estado procriaria?

O pensamento moderno não tem fugido a tudo isso. As escolas psicológicas insistem na criação de um ser composto, isto é, homem-mulher, macho-fêmea. O arquétipo de toda a humanidade está nesse homem-mulher que o Criador fez. Essa questão não foge sequer dos comentaristas mais tradicionais da Bíblia. Teólogos leigos, como Mary Evans⁴ e Paul Evdokimov⁵ se preocupam com a construção do texto de Gênesis 1. Para eles, como para tantos outros, Gênesis 1 e Gênesis 2 constituem dois relatos distintos e precisam ser analisados particularmente com a devida atenção e crítica.

O segundo aspecto que temos em mente se refere exatamente à questão dos dois relatos bíblicos da criação do homem e da mulher. E. J. Young⁶ não separa os dois relatos. Afirma que um explicita o outro. Da mesma forma Derek Kidner⁷ afirma que o relato do capítulo 2 se "irmana e complementa o outro texto". Do mesmo pensamento estão homens como G. L. Archer Jr.⁸, A. N. Mesquita⁹ e muitos outros.

Não vemos nenhum problema na posição de uns e de outros. O que nos incomoda é a força dada sobre um relato ou sobre o outro. Assim é que a maioria dos escritores, principalmente os que escrevem sobre os temas relativos ao lar, dão início aos seus trabalhos com o capítulo 2 de Gênesis. Correm o risco de elaborar doutrinas e ensinos que não representam toda a verdade escriturística. Assim procederam muitos pais da Igreja e muitos teólogos do passado. Preconceitos como a mulher sendo subproduto, detentora de imundícies, menos capacitada que o homem, agente de satanás,

1. São Gregório NISSA, *História da Filosofia Cristã* (Petrópolis: Vozes, 1988), p. 103. São Gregório conclui que a multiplicação dos seres humanos dar-se-ia como os anjos. Ele afirma que o sexo e o casamento são consequências do pecado.

2. João J. Scoto ERIGENA, *História da Filosofia Cristã* (Petrópolis: Vozes, 1988), p. 244.

3. ORIGENES. *História da Filosofia Cristã*.

4. Mary EVANS, *A mulher na Bíblia* (São Paulo: ABU Editora, 1986), p. 6-7.

5. Paul EVDOKIMOV, *A mulher e a salvação do mundo* (São Paulo: Paulinas, 1986).

6. E. J. YOUNG. *Introdução ao Velho Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1964), p. 57.

7. Derek KIDNER, *Gênesis, introdução e comentário* (São Paulo: Vida Nova, 1979), p. 56.

8. G. L. ARCHER JR, *Merece confiança o A. T.?* (São Paulo: Vida Nova, 1986).

9. A. N. MESQUITA, *Estudo no livro de Gênesis* (Rio de Janeiro: JUERP, 1970).

inundaram o ambiente cristão mais antigo e seus resquícios ainda não se apagaram. Mesmo filósofos como Schopenhauer¹⁰, teceram comentários desairosos em torno das mulheres, reputando-lhes pouca inteligência, insensatez, paixões mundanas etc.

O fato de aceitarmos o relato da criação como sendo um, trazendo, porém, ênfases diferentes, facilita nossa compreensão ao darmos à mulher a mesma dignidade e o seu devido lugar nos planos de Deus. A imagem e semelhança do Eterno estão no macho e na fêmea. Embora esta matéria seja também muito discutida, cremos que Karl Barth foi mais feliz ao afirmar que a plenitude da imagem de Deus se torna glorificante na união do homem e da mulher.

Assim é que nunca esteve nos planos do Criador uma hierarquia em termos de homem e mulher. Um não é mais forte e outro menos forte; um não é mais inteligente e outro menos; um não é mais capaz e outro menos; um não é mais digno e outro menos digno. Ambos se completam e o Criador não olha para um sem que veja o outro, como expressões de sua glória.

Até aqui vimos o binômio "sede fecundos, multiplicai-vos", como o espaço das relações humanas. Um e outro, nos planos de Deus, responsáveis pela humanidade toda. Não há humanidade sem o homem e a mulher.

Passamos agora para o binômio "enchei a terra e sujeitai-a". Tudo o que o Eterno criou e preserva evolui de certa forma ou pelo menos se adequa aos seus ambientes, climas, regiões da terra etc. O homem e a mulher, porém, são criados e possuem prerrogativas para criar, modificar, construir etc. É a capacidade de construção de mundo de que tratam os antropólogos. Os animais são introduzidos num mundo já construído, estável e passivo. O homem é introduzido num mundo dinâmico, por construir, instável e marcado por um devir constante. Esse princípio é relevante. A mulher não foi destituída dessa tarefa. É por assim se afirmar, o centro, o eixo sobre o qual gira a tarefa de encher a terra e sujeitá-la. Quando ela recebe nome (Gn 3.20), depois da desobediência, é definida como a "mãe de todos os seres humanos". É claro que o pecado criou obstáculos quase intransponíveis. O homem virou as costas ao criador e à mulher. A mulher abaixou sua cabeça na confissão. No entanto, a disciplina sobre ambos é cíclica. Na mulher recai sobre o ventre que produz a vida da humanidade e no homem recai sobre a terra de onde é tirado. Ambos estão na mira da disciplina e ambos precisam do mesmo caminho de retorno. Quando o apóstolo Paulo apresenta seu argumento sobre a condição da mulher no contexto asiático e afirma que a mulher foi enganada, não exclui a participação do homem. Se assim o fosse, sua doutrina da justificação estaria completamente afetada. O texto de 1 Timóteo é elucidativo em termos de reforço para uma época em que a Igreja dá seus primeiros passos. Um não é mais justo que o outro. Um não foge à disciplina, ambos estão sob o tacão da desobediência. (Rm 11.32)

10. SCHOPENHAUER, *As dores do mundo* (Edições Ouro, 1987), p. 85ss. Embora Schopenhauer tenha sido muitíssimo agressivo neste assunto, verificamos, contudo, que ele é um dos que detectam os males sociais de seus dias quanto ao casamento. Mostra através de estatísticas o número imenso de mulheres abandonadas só na Inglaterra.

A mulher no ato criativo de Deus é parte integrante e participativa de todo o desenvolvimento da história da humanidade. Dentro da perspectiva de sua feminilidade, sem ela não existiria humanidade e sem ela não existiria construção de mundo.

A redução a que a mulher foi colocada não passa de um despotismo do homem que descobriu muito cedo que a força braçal era mecanismo adequado para cercear a participação da sensibilidade feminina no mundo. Discorrendo sobre tal desgraça anticristã, Paul Evdokimov ¹¹ afirma: Quanto mais a civilização é secularizada, mais masculina é; quanto mais se sente desesperançada, mais se descentraliza do verdadeiro feminino." Da mesma forma se expressam Pierre Bigo e Fernando Bastos de Ávila ¹², quando comentam o mistério da iniquidade. A força inical que tornava a relação do homem a coisa mais bela, torna-se o lugar da iniquidade. É nessa força, afirmam os expositores, que um se fecha ao outro e ambos se fecham para Deus.

Embora nos esforcemos através de hermenêuticas e outros mecanismos a diminuir toda a opressão sobre a mulher, os fatos nos revelam que a caminhada ainda é incipiente. Basta tomar nas mãos uma obra como aquela organizada por Maria Eliana Labra ¹³ para concluirmos que o lugar onde estamos em termos do lugar da mulher na construção de mundo, é ainda primitivo.

2- A MULHER NA CONSTRUÇÃO DO MUNDO RELIGIOSO

Este é um assunto litigioso. Todos concordamos com a sensibilidade religiosa das mulheres, mas não conseguimos perder da mente os preconceitos contra elas em termos do absoluto espiritual. Todos os códigos da legislação judaica que procuraram dar destaque ao relacionamento e à formação biológica da mulher pairam sobre as cabeças cristãs. Por mais que nos esforcemos, as questões estão presentes. Ultimamente questionamos até se uma mulher pode exercer o pastorado. Notamos que são questões fora de hora e fora de tempo. Já as temos. Devíamos questionar se as aceitamos ou não. Mesmo que entre grupos pentecostalizantes as mulheres sejam chamadas de "missionárias", o fato é que elas estão na liderança do rebanho de Jesus. Ora, negar fatos é, no mínimo, ignorância. Enfrentá-los requer reflexão e talvez mudanças na compreensão e no modo de encará-los. Quando encaramos o assunto da mulher ligada à construção do mundo religioso, ou fazemo-lo com profundidade ou simplesmente copiamos o que há muito se tem aceitado como última palavra. Assim ocorre quando Billy Graham escreve alguns conselhos sobre o casamento e o lar: ele o faz sem nenhum compromisso com a exegese bíblica.¹⁴ Em seus conselhos há muita

11. *A mulher e a salvação do mundo* (São Paulo: Paulinas, 1986), p. 177s.

12. *Fé cristã e compromisso social* (São Paulo: Paulinas, 1986), p. 231-32.

13. Maria Eliana LABRA (org.), *Saúde e sociedade no Brasil* (Petrópolis: Vozes, 1989). Esta obra traz muitas informações importantes que denunciam a situação da mulher no Brasil, em vários campos sociais. Por ela pode-se ter uma idéia sobre o sofrimento da mulher em toda a América Latina.

14. Billy GRAHAM, *O casamento e o lar* (São Paulo: RTM Editora).

coisa interessante e boa, mas há muita coisa obscura e simplória. Já Neil R. Lightfoot¹⁵, em suas palestras procura aprofundar-se na exegese sobre o assunto. No entanto, nem um nem outro, ainda que possam ter esta pretensão, podem dar uma palavra final sobre o tema.

Os fatos revelam que mesmo entre mil questionamentos a respeito do papel da mulher dentro e fora da igreja, em sua atuação leiga ou sacerdotal, em seu papel de mãe ou de mestra, o mundo caminha estranhamente dependente da sensibilidade feminina. Digno de nota é o trabalho da teóloga leiga France Quéré,¹⁶ que, discorrendo sobre a relação do instinto no macho e na fêmea, denuncia o gosto que o macho tem de concorrer, guerrear, torturar e matar. Não nega que este mesmo instinto esteja na mulher, mas não se realiza em versos e sons, como nos homens.

Olhando a construção de mundo do ponto de vista religioso, a mulher tem mostrado fibra, coragem e intrepidez. Do ponto de vista do cristianismo, a questão toda retoma o "princípio" de todas as coisas. Ao enfrentar os cidadãos religiosos de seu tempo, o Mestre Nazareno lembrou-os desse "princípio" (Mt 19.4). O apóstolo Paulo ensina a igreja em termos de unidade do corpo para ressaltar que na relação entre os filhos de Deus não há diferença entre homem ou mulher (Gl 3.28). Nas perspectivas sócio-culturais e psicológicas podem ser levantadas muitas diferenças, e em cima de preconceitos pode-se empreender todo tipo de perseguição e opressão. Mas na perspectiva da relação do crente com seu Senhor, não pode haver uma diferença sequer.

No final deste século "das luzes", o cristianismo deve ter resposta pronta e certa para questões que têm embrutecido nossas mentes e relacionamentos. A Bíblia ressalta a verdade de que idolatria e sexo sempre caminharam juntos. Em todos os tempos, os mais diversos segmentos sociais não escaparam das garras malditas da prostituição. O cristianismo condenou tal prática. Mas é verdade, também, que o próprio cristianismo com sua mensagem revolucionária de libertação pelo sangue da cruz, acomodou-se dentro de ideologias vitorialistas e consumistas, perdendo o vigor testemunhal.

Quando tomamos conhecimento dos depoimentos sobre a prostituição e outros mecanismos de opressão da mulher, ficamos envergonhados com a passividade dos cristãos. Algumas obras sérias denotam a gravidade do problema, como aquela organizada por Hugues D'Ans.¹⁷ Talvez a comunidade evangélica esteja fortemente

15. Neil R. LIGHTFOOT, *O papel da mulher: Perspectivas do Novo Testamento* (São Paulo: Editora Vida Cristã, 1979).

16. France QUÉRÉ, *Mulher, ela mesma* (São Paulo, Paulinas, 1987). A obra de Quéré é uma análise crítica do pensamento eclesiástico sobre a mulher. Faz críticas através da ótica da sociologia e da antropologia. Sua postura central é contra o pensamento religioso, de modo especial o dos pais da igreja.

17. Hugues D'ANS (org.), *Mulher: da escravidão à libertação* (São Paulo: Paulinas, 1989). Nessa obra há vários relatos e alguns comentários muito importantes. O depoimento "Zona, nunca mais" merece destaque por mostrar a luta de uma mulher ao deixar a vida de prostituição.

influenciada pela mentalidade burguesa, da qual fala e escreve Francis Schaeffer.¹⁸ Comunidades inteiras, cercadas de pessoas carentes, entram para o espaço santificado ao qual chamam de templo e, completamente alienados da dor e opressão do próximo, se regalam com "banquetes" ditos espirituais. Posição cômoda. Segundo o ensino claro do Mestre de Nazaré, não se pode compreender uma lâmpada sob o lume, nem o sal sem o devido uso (Mt 5.13-16).

A discussão sobre o papel da mulher na sua construção de mundo religioso parece-nos vazia de sentido. Nos tempos da igreja primitiva tal discussão foi bem compreensível. Perfeitamente aceitável. E cremos que até aos dias de hoje não só as mulheres, mas também os homens estão enquadrados dentro do aspecto de pureza da doutrina. Nem um nem outro pode produzir uma doutrina que vá além da genuína interpretação do evangelho. Tanto um como outro deve ser calado. Diante disso, a práxis ministerial da mulher nos dias modernos é testemunha do avanço do cristianismo em sua maturidade vivencial. Dentro desta perspectiva, José D. Soberal e Duncan A. Reily fizeram um trabalho muito importante como testemunho histórico.¹⁹

Os teólogos que dirigem comunidades não podem ignorar o fato de que grande parte do desenvolvimento do trabalho religioso está presente às mãos das mulheres. Se é fato -e não podemos ignorar- só temos um caminho: rever nossa posição e reavaliá-la a partir do evangelho.

CONCLUSÃO

A conclusão a que chego diante do que tenho exposto neste simples artigo é a seguinte:

Primeiro: Um estudo sério do texto bíblico a partir de Gênesis 1, harmonizado com o texto do capítulo 2 que o explicita, nos conduzirá, sem sombras de dúvida, a uma reavaliação do papel da mulher na construção de mundo. Encontraremos apoio incontestado do testemunho escriturístico de que Deus os fez iguais e deu-lhes as mesmas incumbências. A bênção é para ambos. Um e outro se completam. Um e outro se relacionam para dar plenitude à glória do Criador.

Segundo: Quando enfrentamos a literatura hebraica dentro do espaço do Antigo Testamento, não podemos nos esquecer que todo esse ensino está dentro da perspectiva sócio-cultural dos escritores e diante de uma formação de mundo religioso que enfrentava as pressões pagãs, sem a influência de Cristo. O mundo moderno, além da influência benéfica do cristianismo, está apoiado numa situação privilegiada pelo avanço científico, que tem ajudado em muitos campos, principalmente no da higiene e das relações humanas.

18. Francis SCHAEFFER, *A igreja do final do século XX* (Brasília: Editora Sião, 1988).

19. Cf. José D. SOBERAL, *O ministério ordenado da mulher* (São Paulo: Paulinas, 1989); Duncan A. REILY, *Ministérios femininos em perspectiva histórica* (São Paulo: CEBEP e Faculdade de Teologia Metodista, 1989).

Terceiro: Mesmo que os textos do Antigo Testamento tenham sido escritos a partir de um contexto cultural específico, não podemos simplesmente anular seu ensino. A força do texto, como tal, continua, embora em determinados casos não poderá ser simplesmente transferido para nossos dias. Assim sendo, tanto a mulher deve estar ligada ao homem, por força da palavra do Criador, como o homem deve estar ligado à mulher, para que a unidade do Altíssimo não se desvie do seu alvo.

Quarto: Não podemos ignorar o papel preponderante da mulher na construção do mundo religioso desde a antiguidade. Negar este fato é alienar-se do espaço histórico do passado que serve de base para a construção do mundo moderno. A igreja moderna, em sua caminhada, tem chegado a um ponto de maturidade perfeitamente aceitável. Os pastores-mestres, que no decorrer da história do povo de Deus trabalharam continuamente em favor do Corpo de Cristo, podem contar com resultados incríveis quanto ao crescimento dos discípulos de Jesus. É claro que a obra só terá fim com o arrebatamento. Mas não se pode negar que muitos assuntos discutidos -às vezes de forma desgastante- estão no plano dos "rudimentos da fé" (Hb 6.1)..

A questão que deixo é para uma reflexão a partir dos fatos que nos rodeiam e para uma reavaliação da relação homem-mulher na perspectiva da construção de mundo, tanto social como religioso. Deixo, também, alguns dados que podem servir de ponto de partida para o estudo conjunto dentro da relação homem-mulher.

1- De acordo com o ensino apostólico (1 Co 7.3-5), no âmbito do casamento o marido se entrega à esposa e a esposa ao marido. Isso provoca equilíbrio e unidade. A atual desigualdade e opressão da mulher, relegando-a a um segundo plano no lar e na sociedade, não seria fruto do ensino e doutrinação por parte de indivíduos e escolas bíblicas que não levam em conta a exegese dos textos e a hermenêutica?

2- A atuação da mulher na igreja é um fato marcante. O impedimento para que a mulher receba as mesmas atribuições que os homens é uma forma de machismo ou é resultado do amadurecimento do povo de Deus?

3- A vocação de Deus para o ministério é uma prerrogativa somente para homens? Como ficam as moças e senhoras que se sentem vocacionadas e gastam seu tempo e seu dinheiro preparando-se para a obra do evangelho?

Novo lançamento!

**VOZES
DO
CRISTIANISMO
PRIMITIVO**

Paulo Sieplerski
E. Glenn Hinson

Talvez a questão ocorrida com mais frequência na mente dos cristãos quando se deparam com a análise da história do cristianismo primitivo seja: "Qual a importância de tal estudo? Não é suficiente estudar o Novo Testamento?" Esse é um bom questionamento e exige uma resposta honesta. É verdade que o cristianismo é resultante da vida, ensino, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Também é verdade que a fé dos primeiros seguidores de Jesus está registrada nos escritos neo-testamentários. Mas essa fé alcançou outras pessoas transformando mentes e corações, provocando uma revolução social sem paralelo na história da humanidade. A civilização ocidental, como a conhecemos hoje, é fruto de tal revolução. Para a compreensão do mundo em que vivemos, é fundamental entender a transformação social perpetrada pelo cristianismo primitivo.

TEMÁTICA PUBLICAÇÕES

Caixa Postal 18084

04699 - São Paulo - SP

Tel.: (011) 61-6121 / 530-9731

FTL-B

FRATERNIDADE TEOLÓGICA
LATINO-AMERICANA
RUA 1º DE SETEMBRO, 166/402 -
PARTENON
91500 - PORTO ALEGRE - RS
FONE (0512) 36-2566

